

DEPOSITO LEGAL
17 OUT 1942

MUNDO GRAFICO



55



Ceres
deusa das searas
podia ser
numa encarnação
de hoje
esta graciosa
rapariga



...aqui AMÉRICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Dias	Ondas curtas
9,15	Segunda-feira.....	25,23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado...	31,02 m. (9,67 mc/s)
10,30	Segunda-feira.....	25,23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado...	31,02 m. (9,67 mc/s)
20,15	Segunda-feira, Sexta-	25,40 m. (11,79 mc/s)
	-feira.....	30,90 m. (9,70 mc/s)
		49,60 m. (8,04 mc/s)
21,30	Sábado, Domingo	19,56 m. (15,33 mc/s)
		31,02 m. (9,67 mc/s)
21,45	Sábado, Domingo	31,02 m. (9,67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19,56 m. (15,33 mc/s)
23,30	Sábado, Domingo	19,56 m. (15,33 mc/s)

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

Sumário

- A OFENSIVA NA CHINA
- REFLEXOS DO MUNDO
- HAROLD ALEXANDER, biografia
- O POTENCIAL HUMANO, por «O Observador»
- UMA VIAGEM TRIUNFAL
- A BATALHA DE INGLATERRA É O MARNE DESTA GUERRA, por William Clark
- LISBOA SUBTERRANEA, por Augusto Ricardo
- ACTUALIDADES
- FORTALEZAS VOADORAS
- A INGLÊSA NA GUERRA
- OS EXCENTRICOS
- GLÓRIA A GRAN-BRETANHA
- O BRASIL EM GUERRA
- ISTO VENCERÁ!
- CRUZEIRO AZUL, por S. Saboya
- VISÕES DA GUERRA
- VITÓRIA NOS MARES
- PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim
- ROBERT BURNS, de A. R.
- LOBOS, conto de M. M.
- A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão
- CINEMA, de Antonio Lourenço



A SAÍDA DO TUNEL

INDIGESTÃO?
DEPRESSA UMA RENNIE
UM... DOIS... TRÊS



A DOR DESAPARECE

QUEM sofre ataques de indigestão por mais de 80 segundos, só de si se deve queixar. Existe um remédio que age neste espaço de tempo. Leva-se na algibeira, não precisa de água para se tomar e chama-se Rennie.

Rennie é uma combinação de 15 ingredientes que incluem anti-ácidos para neutralizarem a acidez, absorbentes para reduzirem os gases e fermentos para auxiliarem a digestão. Rennie dissolve-se na boca. Entra imediatamente em actividade, pois chega ao estômago com toda a sua força que não é diluída pela água.

As pessoas que têm sofrido de incómodos padecimentos de estômago, e experimentado tudo quanto existe sem resultados, obtiveram rápidos alívios com Rennie. 1.198 médicos usam e recomendam Rennie pois conhecem-nas. Vendem-se em todas as farmácias.

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



A OFENSIVA NA CHINA

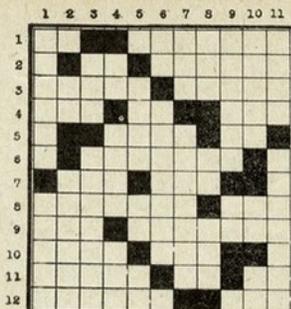
Ao fim de cinco anos de luta incansável, os chineses desencadearam uma ofensiva de vastas proporções cujos resultados podem vir a ter uma influência decisiva no conjunto das operações em curso. O marechal Chang-Kai-Chek tem-se revelado um chefe à altura das circunstâncias. Nem um sinal de desânimo nem um sintoma de desfalecimento nas suas declarações públicas e na sua acção militar. A atmosfera de simpatia calorosa que hoje rodeia a China é, em boa parte, obra de sua inteligência e da sua devoção cívica. Caminhando para leste, as tropas do seu comando atingiram a cidade de Kinhuá, marchando para o sul alcançaram os arredores de Cantão.

Em poucas semanas os chineses reconquistaram a quase totalidade do território que os seus adversários ocupavam desde o início da ofensiva vitoriosa que desencadearam em maio deste ano. Depois de terem cortado a estrada da Birmânia, as tropas nipônicas avançaram ao longo da província de Che-Kiang e passaram a dominar o sistema ferroviário do sul da China; em fins de junho haviam penetrado profundamente na província de Kiang-Si. Foi então que o marechal Chang-Kai Check iniciou a sua ofensiva, a propósito da qual um categorizado cronista militar britânico, O. M. Green, escreveu há dias: «A importância das contra ofensivas chinesas não tem sido devidamente apreciadas. Não é exagero afirmar que se os chineses conseguirem manter solidamente o terreno que reconquistaram, esse facto terá consequências decisivas não apenas no Extremo Oriente mas no conjunto da guerra, especialmente se conjugarmos esses resultados com aqueles que os americanos alcançaram no arquipélago de Salomão e na baía de Milne».

A província de Che-Kiang tem uma grande importância. É nela que se encontram os principais aeródromos da China, de onde é possível partir para bombardear algumas das principais cidades japonesas. É através dessa província que corre a linha férrea que liga Hang-Chen a Shanghai e cuja posse constitui um elemento de primordial importância para o desenvolvimento ulterior das operações.

A vitória chinesa pode explicar-se pelo seguintes motivos: em primeiro lugar a coragem indomita dos soldados de Chang-Kai-Chek cujo ânimo nenhuma infelicidade ou revés conseguem inutilizar; o trabalho activo dos guerrilheiros, recrutados especialmente entre a população agrícola e cujos sentimentos patrióticos se revelaram sempre firmes e inabaláveis. Estas circunstâncias, de ordem moral e política, devem conjugar-se com os seguintes factores militares: a extensão exagerada das linhas de comunicações dos japoneses e a colaboração da aviação anglo-americana nas operações em curso.

As consequências imediatas do avanço dos chineses podem resumir-se assim: a aviação norte americana e a R. A. F., uma vez separados os campos de aviação reconquistados, ficam em condições de atacar as cidades japonesas com os seus bombardeiros de grande raio de acção; a perspectiva de um ataque japonês ao exército russo do Extremo Oriente, ataque que chegou a considerar-se iminente, obriga a uma revisão dos planos elaborados para esse efeito; a possibilidade de uma ocupação, a prazo mais ou menos longo, de alguns portos da costa chinesa leva a uma vigilância mais aturada da esquadra nipônica, para garantir o seu sistema de comunicações, o que não deixará de se reflectir nas operações de envergadura em que japoneses e americanos se empenham, ha algumas semanas.



PROBLEMA N.º 47

HORIZONTAIS

- 1 — Virtude teologal — Pacíficas.
- 2 — Indivisível — Pregoeiro da corte.
- 3 — Corda com que se segura um navio à muralha — Enganei-me.
- 4 — Parente — Nossa Senhora — Chefe etíope.
- 5 — Impedir.
- 6 — APELIDO DO MARECHAL DO AR QUE COMANDOU AS FORÇAS AÉREAS NO RECENTE ATAQUE A DIEPPE.
- 7 — Parelha — Rio da África portuguesa.
- 8 — Saltaste — Saudação.
- 9 — Língua que outrora se falava no norte de França — Aborrecimento.
- 10 — Tempo do verbo «ir» — E o resto.
- 11 — Espécie de vespa da América — Isolado — Utensílio.
- 12 — Designação científica do caranguejo — Ente.

VERTICAIS

- 1 — Equipar (um navio) — Corpo pesado que os pequenos barcos usam em vez de fiateira.
- 2 — Nota musical — Desgastadas (por atrito).
- 3 — Interjeição — APELIDO DO CAPITÃO QUE COMAN-

DOU AS FORÇAS NAVAIS QUE PARTICIPARAM NO ATAQUE A DIEPPE.

- 4 — Nota musical — Suspenda! — Pronome possessivo.
- 5 — Elo — Saudável — Antes de Cristo.
- 6 — Neste lugar — Nitrato de potássio.
- 7 — Decâmetro quadrado — APELIDO DO MAJOR-GENERAL QUE COMANDOU AS FORÇAS MILITARES NO SEU FORMIDÁVEL ATAQUE ÀS TROPAS ALEMÃS QUE OCUPAM DIEPPE.
- 8 — Casa — Letra grega — Som.
- 9 — APELIDO DO CAPITÃO AMERICANO QUE COMANDOU UM DESTACAMENTO MILITAR DO SEU PAÍS QUE COOPEROU NO HEROICO ATAQUE A DIEPPE — artigo árabe.
- 10 — Avivar o fogo — Reparei — Medida inglesa de 0,33 m.
- 11 — Tempo do verbo «ser» — Intimidar.



Solução do problema n.º 46



DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

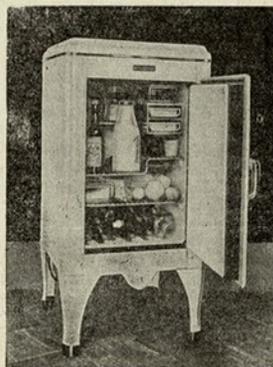
Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA — RIO DE JANEIRO



LISBOA
Av. da Liberdade, 141

Frigoríficos

Electrolux

Chegou nova remessa sem aumento de preços

ELECTROLUX LIMITADA

PORTO
Pr. da Liberdade, 125

REFLEXOS DO MUNDO

Um Rei fala



O Rei Pedro da Jugoslávia declarou no dia do seu aniversário:

«Com o auxílio de Deus manteremos sempre a resolução tomada de nos recusarmos a ser instrumento de domínio de outros povos.»

E, prosseguindo, afirmou:

«A fome e as balas executoras reinam na Jugoslávia, mas não conseguem atater a alma da população. Os sérvios, os croatas e eslovacos preferirão morrer a deixar de ser livres.»

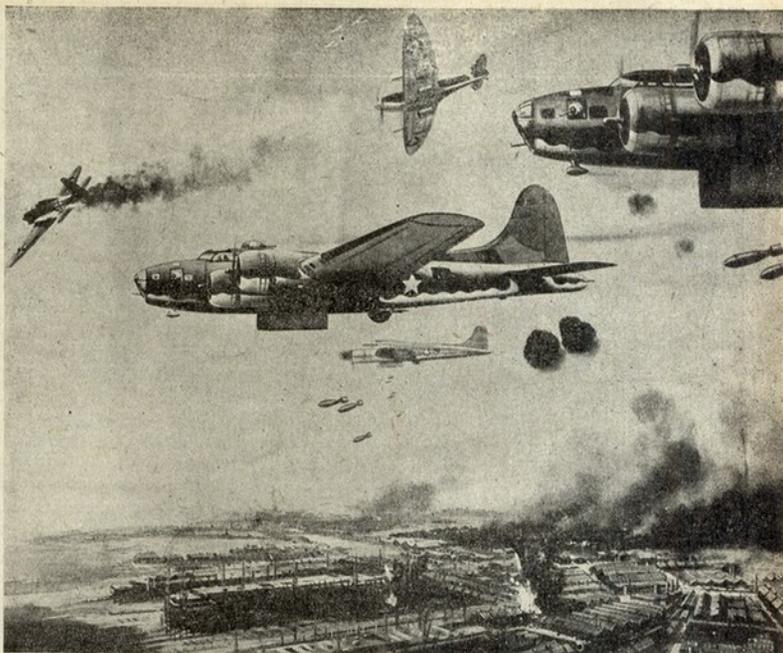
Estas palavras testemunham o carácter e a determinação do

jovem rei e são, na verdade, dignas do filho do Rei Alexandre, que revive heróico e indomável, no primogénito à volta de cujo prestígio se reúne um país inteiro que afronta heroicamente os invasores, fazendo tudo para reconquistar a independência. Por ela derrama o sangue generoso e sem ela não aprecia a vida.

Um gesto da Rainha



Numa estrada inglesa s guia, a pé, um jovem soldado americano do Michigan. Passou por ele um automóvel com duas senhoras. O carro parou e uma



★ A aviação anglo-americana domina hoje a Alemanha inteira. Fortalezas voadoras, acompanhadas por caças da R. A. F., despejam sobre uma cidade do Reich um verdadeiro ciclone de fogo e de metralha ★

dela, dirigindo-se ao soldado, ofereceu-lhe lugar no automóvel, o que ele aceitou.

Nos quarenta e cinco minutos que a viagem durou conversaram amigavelmente os três. A senhora que fizera o oferecimento, pediu à outra que lhe desse um embrulho.

— Sim, Magestade! — foi a resposta que admirou o soldado.

Do embrulho, a nobre senhora, tirou uma medalha, no anverso da qual se lia:

«Boa sorte», e no reverso as iniciais M. Q. (Mary Queen). Era a Rainha Maria que oferecera a viagem ao soldado e que, tão simplesmente, conversara com ele.

Façonha de canadianos



Um piloto canadiano chegou a um aeródromo do seu país, com cinco tripulantes, vinte e quatro horas depois de ter deixado cair a sua terrível carga de dinamite sobre território inimigo.

No aeródromo de Tarmac uma multidão compacta aclamou os brilhantes aviadores, vendo nesses o símbolo do poderio que os há-de levar à vitória.

Os aviadores participaram no ataque a Serrebrague e partiram para a travessia do Atlântico, pouco depois de terem chegado ao aeródromo britânico a que pertencem.

Nas asas do avião e nos olhos fixos dos tripulantes via-se o testemunho do que fazem na Europa milhares de outros filhos do Novo Mundo. Testemunho directo e rápido de golpes deferidos contra o inimigo.

França combatente



Morreu na Síria o célebre «jockey» francês Galy Vataré, piloto aviador da França Combatente.

Transportava o coronel Deroux de Damasco para Beirute, onde se ia avistar com o general De Gaulle. O avião caiu no Monte Libano em consequência de uma tempestade. Os seus tripulantes morreram.

Galy Vataré, que tantas vezes corra à desfilada nas pistas e expuzera a vida em luta corajosa foi encontrar a morte ao serviço do seu país, numa luta cruel imposta à humanidade.

Trabalhando para o futuro



Os exemplos de solidariedade que surgem no momento em que a humanidade procura vencer os seus inimigos são exemplos do que será o dia de amanhã. Os mineiros de Hanley aca-

bam de se decidir a reconstruir a aldeia de Lidice, após a guerra.

Com o nome da aldeia desaparecida foram já baptizadas duas povoações, uma nos Estados Unidos, outra no México. Ambas ficarão a atestar a união do Novo Mundo a desta Europa tão marterizada que, ardentemente, deseja a sua libertação.

A resolução dos mineiros de Hanley é mais um exemplo de como das ruínas nasce o trabalho e como os homens se sentem bem, unidos pelo mesmo ideal.

A ideia duma «estrêla»



A actriz Hedy Lamar organizou um almoço, no qual cada convidado pagou 5 mil dolares, o preço de se aproximarem do seu brilho de estrêla.

Não obstante o preço, os lugares, em número de 200, venderam-se antecipadamente. À última hora pareciam muitos mais pretendentes a comprar o seu lugar no firmamento, o que ultrapassou consideravelmente o número previsto.

A receita tão curiosamente obtida reverteu a favor do esforço de guerra americano.

As estrêlas da cinelândia são das maiores propagandistas das Nações Unidas que estão lutando pela libertação do mundo.

MÁQUINA DE ESCREVER
NÃO ERA CONHECIDA
ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU
A PRIMEIRA

MÁQUINAS

Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
FICHEIROS
KARDEX
E ARQUIVOS

LISBOA

Rua da Misericórdia 20-1.
TELEFONES: 21802-21803

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 69-2.
TELEFONE: 1276


HAROLD ALEXANDER ★

O novo comandante chefe das forças imperiais britânicas no Próximo Oriente e no Norte de África é uma figura de excepcional relêvo no exército do seu país. A reputação de que goza no estrangeiro é inteiramente merecida e justificada por uma carreira profissional brilhantíssima, sob todos os pontos de vista.

O general Harold Alexander tem actualmente cinquenta anos. Tomou parte na última conflagração, revelando-se, desde logo, um chefe designado, pelos seus méritos próprios, para dirigir e arrastar as forças colocadas sob o seu comando.

Quando se iniciou o actual conflito, seguiu a França com o Corpo Expedicionário Britânico, assistindo ao drama da derrota do exército francês e colheu os ensinamentos preciosos que passaram a orientar as suas concepções e os seus planos posteriormente elaborados. Em Dunquerque, foi o último a abandonar o reduto confiado à sua guarda tendo dirigido, com uma competência consumada, a retirada de alguns centos de milhares de homens que constituíam o núcleo principal da organização defensiva da Gran-Bretanha.

Partidário ardente da ofensiva, sendo sua opinião que só esta pode conduzir à vitória, iniciou o movimento de renovação que teve a sua primeira expressão nos «comandos», as tropas de bloqueio britânicas às quais está reservado um papel decisivo no prosseguimento da luta.

Durante as operações do começo deste ano no Extremo Oriente, opôs-se, com os recursos de que dispunha, ao avanço japonês, retardando-o numa defensiva eficaz conduzida na Birmânia e permitindo, assim, ganhar o tempo necessário para organizar a defesa da Índia e preparar as condições em que a China devia habilitar-se para a contra-ofensiva que está actualmente em curso.

CRÓNICA INTERNACIONAL
O POTENCIAL HUMANO

Antes de se iniciar o actual conflito, era frequente vermos feita a afirmação de que as potências do «eixo» não podiam deixar de alcançar a vitória dada a sua superioridade demográfica. Um bloco de cento e trinta milhões de indivíduos não pode deixar de dominar um adversário que dispõe apenas de oitenta milhões de almas. A afirmação, aparentemente justificada, pecava apenas por não ser exacta. Entrava só em consideração com as populações europeias dos dois grupos opostos: o Reich e a Itália, dum lado, a Gran Bretanha e a França, do outro.

O Reich e a Itália continuam estreitamente associados. Do grupo adversário, a França foi vencida em condições que causaram o espanto justificado de todo o mundo.

A guerra alargou-se do continente europeu ao universo inteiro. Quando atingiu as proporções actuais duma conflagração mundial, o problema do potencial humano passou a constituir, em todos os países interessados na contenda, um motivo fundamental de preocupações. Como deve ser posto hoje esse problema? Em que condições está a ser utilizado o homem nas nações que, irremediavelmente divididas em blocos opostos, jogam os seus destinos nesta guerra?

O grupo das Nações Unidas engloba os maiores aglomerados do globo: o Império britânico, os Estados Unidos, a U. R. S. S. e a China. Para os que acreditavam que a comunidade das nações britânicas estava prestes a desfazer-se sob o temporal da guerra desencadeada ou sob os golpes vibrados pelo inimigo, o espectáculo da unidade imperial, exuberantemente afirmada, constitui, decerto, um desmentido doloroso às suas previsões e mesmo aos seus desejos.

A Austrália e o Canadá, a África do Sul e a No.ª Zelândia colaboram no esforço comum com um ardor que iguala o da metrópole. A rapidez com que foram sanadas as dificuldades que o partido do Congresso tentou levantar na Índia, traduziram-se por uma intensificação dignificativa da cooperação indiana. Como os Domínios são todas as colónias da Coroa e os seus protectorados que se levantam numa afirmação unanime de coragem e de bravura.

Os exércitos que servem a causa das Nações Unidas, os que já se batem nos campos de batalha e os que se adiestram corajosamente nas escolas das várias especialidades, nos quartéis e nos campos de manobras, constituem já hoje uma legião inumerável. São milhões de homens animados pela mesma vontade e pela mesma decisão. Pode mesmo, sem sombra de exagero, falar-se em dezenas de milhões de soldados, o mesmo sendo lícito afirmar em relação às esquadras, à marinha mercante e às forças aeronáuticas desses países.

Com as forças militares colaboram estreitamente os trabalhadores de todos os ofícios que contribuem para o esforço de guerra. A mobilização na Gran Bretanha atingiu, segundo as últimas estatísticas, a cifra gigantesca de vinte e dois milhões de indivíduos. Nos Estados Unidos trabalham actualmente, só nas indústrias de guerra, mais de catorze milhões de operários.

Os apêlos constantes à mão de obra estrangeira que vemos feitos no bloco que se opõe às Nações Unidas bastaria para documentar a superioridade decisiva que estas últimas alcançaram no domínio do potencial demográfico. A luta prevista para a Europa estendeu-se a todos os continentes e a todos os oceanos falseando os calculos inicialmente feitos. Quando as Nações Unidas tiverem mobilizado, nesse domínio, os seus recursos inesgotáveis, estará jogada a carta que há de decidir da vitória.

O OBSERVADOR

Salvação Barreto

Foi nomeado director geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, o sr. tenente coronel Salvação Barreto. Muito sincera e espontaneamente felicitamos o ilustre militar pelo novo cargo que assumiu. *Espirito recto e culto, duma grande nobreza de atitudes e com uma inteligência tão brilhante, como reflectida, o sr. tenente coronel Salvação Barreto tem sabido ocupar os mais espinhosos lugares com a maior dignidade e imparcialidade. Por isso, o cumprimos, com a justiça que lhe é devida, certos de que sob a sua orientação, o desporto em Portugal, vencerá todos os obstáculos e incertezas que até aqui tem atravessado.*

A festa dos pescadores

Um representante do sr. embaixador de Inglaterra, que não compareceu devido ao luto na corte, foi a Sesimbra presidir à Festa dos Pescadores que o «Século» organizou de colaboração com a Camara Municipal e a casa dos Pescadores daquela vila.

Consagrou-se a bravura dos homens do mar no ambiente característico das gentes que, em luta com o oceano, mourejam o pão de cada dia. Braços vigorosos, manobrando remos, ao compasso martelado pela voz rude do arrais, disputaram, em regatas cheias de movimento e pitoresco, a taça «Embaixador de Inglaterra».

Foi uma tarde de beleza, forte de expressão regional, grandiosa no cenário imenso do mar, em que se prestou simbólica homenagem aos heróicos pescadores da região.

As portas de Cantão

A ofensiva chinesa prossegue, com êxitos notáveis. As tropas do marechal Chang-kai-Chek aproximam-se de Cantão. Já dominam aeródromos, donde os aviões americanos podem bombardear as grandes cidades japonesas, cataclismo que, a tempo, se podia ter evitado, não acham?

A América em marcha

A esquadra japonesa tem sofrido duros reveses. As perdas que sofreu em porta-aviões, são gravíssimas, insubstituíveis. Os aviões americanos, onde quer que encontrem a frota nipônica, auxiliados por uma esquadra, cujo material e pessoal deu já provas brilhantíssimas, são certos, fulminantes. E a guerra aproxima-se dos amarelos do arquipélago. Já cortou alguns dos largos círculos de Tanaka, ameaça que com o tempo, se concretizará.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

 Director: **ARTUR PORTELA**
 Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L.ª

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa de Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Churchill, o homem a quem a Europa vai dever a sua libertação, na sua passagem pelo Próximo Oriente, é delirantemente aclamado pelas tropas imperiais inglesas

UMA VIAGEM TRIUNFAL

A viagem, recentemente efectuada pelo Primeiro Ministro da Gran-Bretanha, ficará como um dos acontecimentos mais significativos do actual conflito. Pela sua importância e pelas suas consequências deve atribuir-se a essa viagem um significado histórico.

O sr. Churchill esteve ausente de Londres durante vinte três dias, de 2 a 24 de Agosto.

Durante a viagem percorreu de avião uma distância calculada entre doze e quinze mil milhas. Viajou num bombardeiro "Liberator", pilotado pelo capitão da aeronáutica norte-americana W. I. Van der Kloot, tendo como segundo piloto o capitão Remdels. Demorou-se no Cairo, à ida e à volta, e esteve em Teheran e em Moscovo, visitando demoradamente a frente em El



Um traço da sua personalidade. Churchill, que também é avô, é surpreendido pelo fotógrafo junto do carrinho do neto do marechal Smuts



Churchill e Estaline, em Moscovo



Das grandes figuras do Império, que pertencem à História. No segundo plano, sir Alan Brook e sir Arthur Tedder

Alamein. Durante essas estadias realizou várias conferências de grande importância com altas autoridades militares e figuras representativas da política e da diplomacia. Além das entrevistas que teve em Teheran, com o Shah e com os dirigentes persas e em Moscovo com Estaline, assistindo a estas últimas que se prolongaram durante três dias o enviado especial do presidente Roosevelt, Averell Harriman, o Primeiro Ministro conferenciou no Cairo com o Rei Faruk, com o chefe do

governo egípcio, Nahas Pacha, e com o príncipe Mohamed Ali, regente durante a menoridade do soberano e grande amigo da Gran-Bretanha. Entre as personalidades militares com quem se avistou contam-se os generais ingleses Wavell, Auchinleck, Alexander, Montgomery, Wilson, Quinau e Freyberg, os generais franceses De Gaulle e Catroux, o general polaco Anders, o governador de Malta, general Gort, o marechal do Ar Teddes e o almirante Har-

(Continua na pág. 29)



Churchill com o general Auchinleck vê sobre as linhas do inimigo as façanhas admiráveis que a R. A. F. inscreve cotidianamente no céu do deserto



O grande ministro inglês visita os primeiros postos em El Alamein, conversa familiarmente com os soldados e oficiais da grande epopeia do deserto



Viu tudo, observou tudo e está satisfeito. A Inglaterra será vitoriosa



Este gigantesco monte de sucatas são as carcassas dos aviões destruídos na batalha de Inglaterra

A batalha de Inglaterra foi o Marne desta guerra

— Achtung Schiptfeur!

O grito, lançado ao microfone de um bombardeiro alemão, fere o eter e percorre, num aviso patético de ameaça implacável, todas as esquadrilhas.

E' manhã. Duas centenas e meia de aviões, em duas vagas sucessivas, aproximam-se da capital inglesa, num último arranco de desespero. Faz precisamente dois anos — 15 de Setembro de 1940. Dos aerodromos britânicos, vinte e uma esquadrilhas de caça lançam-se no ar e cobrem o céu de Londres.

— Achtung Schiptfeur!

Nem um passou! No espaço, os «Spitfires» e «Hurri-

(Continua na página 28)



Os heróis da batalha de Inglaterra, alegres, confiantes e vitoriosos



No céu de Londres, a «Luftwaffe» deixava estes sulcos fumegantes. Eram os seus aviões que ardião



A vida na capital inglesa fazia-se normalmente. A garrafa de leite estava no sítio habitual



No caneiro de Alcântara há mais espaço, mas nem por isso há menos lamaçal

LISBOA SUBTERRANEA

O jornalista, que por virtude inerente à profissão, bastas vezes, tem observado as vaidades, os erros, as mentiras e até as qualidades dos humanos, deu-se ao capricho um tanto «guinholesco», de passear durante algumas horas através dos subterrâneos da cidade.

Obtida a indispensável permissão,

atende-se aos preparativos. Ao nosso lado está o engenheiro Melo Cunha — cujo nome, embora o facto contrarie a sua modéstia, não podemos deixar de citar. Pois vem a ponto esta simples referência a quem seduz pelo encanto simples do convívio, e se faz admirar pela sua grande competência técnica.



Há passagens nestas espécies de cavernas, por baixo da Avenida 24 de Julho, em que é preciso andar curvado...

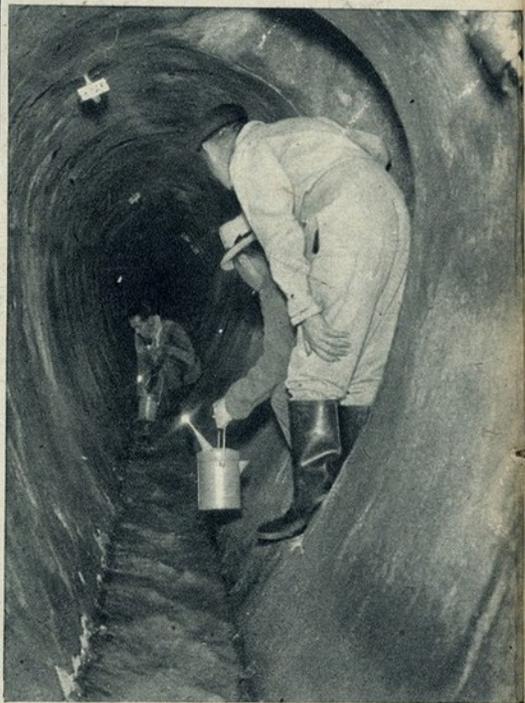
José Lobo, nosso repórter fotográfico, revê a sua máquina e cuida de todos os pormenores a-fim-de bem cumprir o seu difícil empreendimento. Um fato «macaco», umas botifarras de descompassadas dimensões, completam o nosso equipamento. O encarregado dá as últimas ordens aos trabalhadores. Vamos a caminho de Alcântara.

Durante o trajecto, o jornalista vai congeminando íntimas suposições e entrevê, em imaginação, o quadro que dentro em breve irá observar.

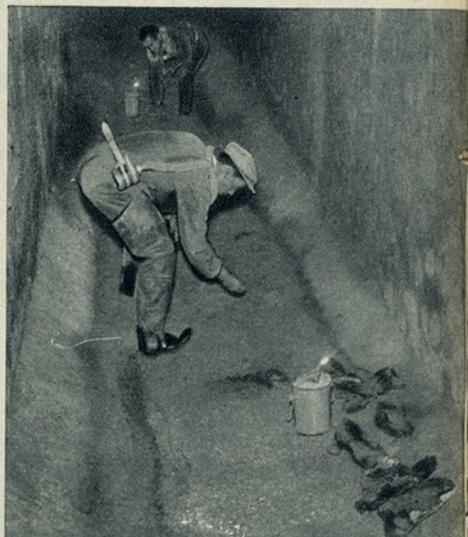
Chegamos. Os operários especializados naqueles serviços, abrem um alçapão, existente próximo da linha férrea, em Alcântara; e logo uma bocarra negra aparece para nos tragar... Em baixo uma pestilente massa aquosa move-se... Depois, treva...

— Tudo pronto, sr. engenheiro, — informa o encarregado.

E para nós: — Quere pôr a máscara?



Este ponto subterrâneo, onde se tornam difíceis os movimentos, lembra o interior de um submersível



Obreiros especializados nestes inglórios trabalhos, procedem à limpeza que se torna imprescindível



No grande colector de Alcantara, a massa lodosa ondula sob os nossos pés...

que se move, lentamente, sujo, pestilente, ameaçador.

Pouco a pouco vamos nos habituando ao ambiente tenebroso. As coisas, agora, tomam forma mais definida, mais contórno. Os nossos passos são mais firmes; a visão menos fantástica. Vão-se distinguindo pormenores exteriores de construção. Milhares, muitos milhares de insectos nocturnos cobrem as paredes vis-

cosas. E' sem conta o número de animais invertebrados; as baratas, constituem legiões incontáveis; distinguem-se à chama das lanternas as suas cores: amarelas, vermelhas, pardas. Vida inferior que terá seu interesse científico, mas que é repelente.

Sentimos maior liberdade de movi-

(Continua na pág. 27)



Neste cruzamento de colectores, sob o cinema Condes, os trabalhadores pisam níveis irregulares

Experimentamos. Em seguida dissemos-lhe: — Não, não queremos. Aquilo incomodá-vos, comprimia-nos o rosto, asfixiava...

Descemos. Ao tocar o fundo do colector, tivemos a sensação nítida de que tudo aquilo se movia sob os nossos pés, e que o lodo que atingira a altura máxima das nossas botorras de borracha, nos iria subverter. Os movimentos prendem-se às primeiras passadas dadas difficilmente. As botas pesam. A massa lodosa ondula sob os nossos pés. A torrente parece à nossa imaginação adquirir proporções assustadoras. De quando em quando, um passo mal dado, faz-nos acreditar que seremos arrastados por aquêlê líquido



Estamos na Avenida, sob a zona dos cinemas. Lá em cima todo o mundo se diverte.

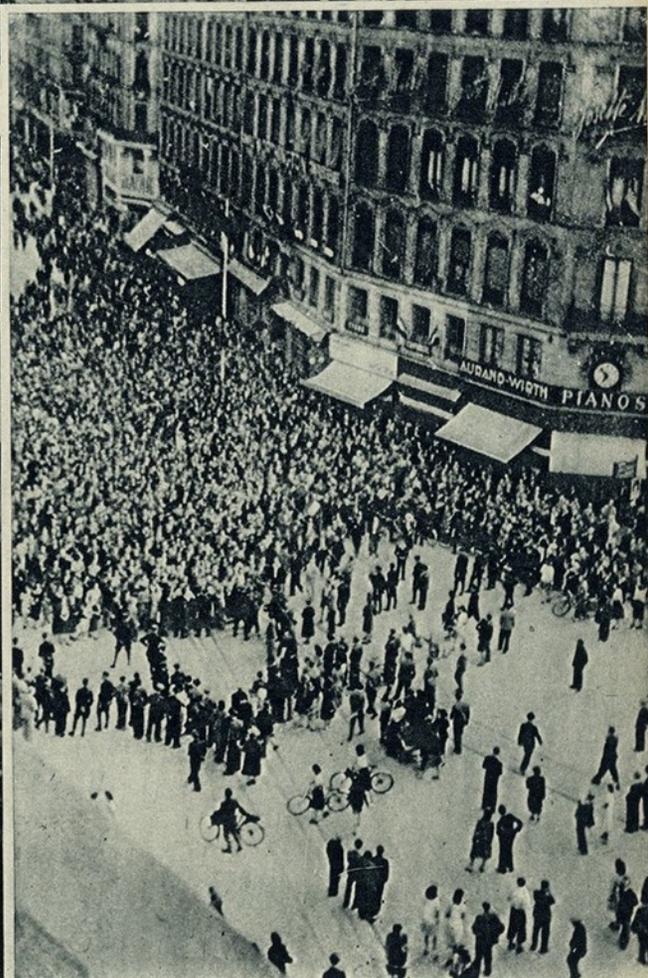


O Duque de Kent, que morreu ao serviço da Pátria e do Império, teve funerais militares, que se caracterizaram pela simplicidade e pela austeridade

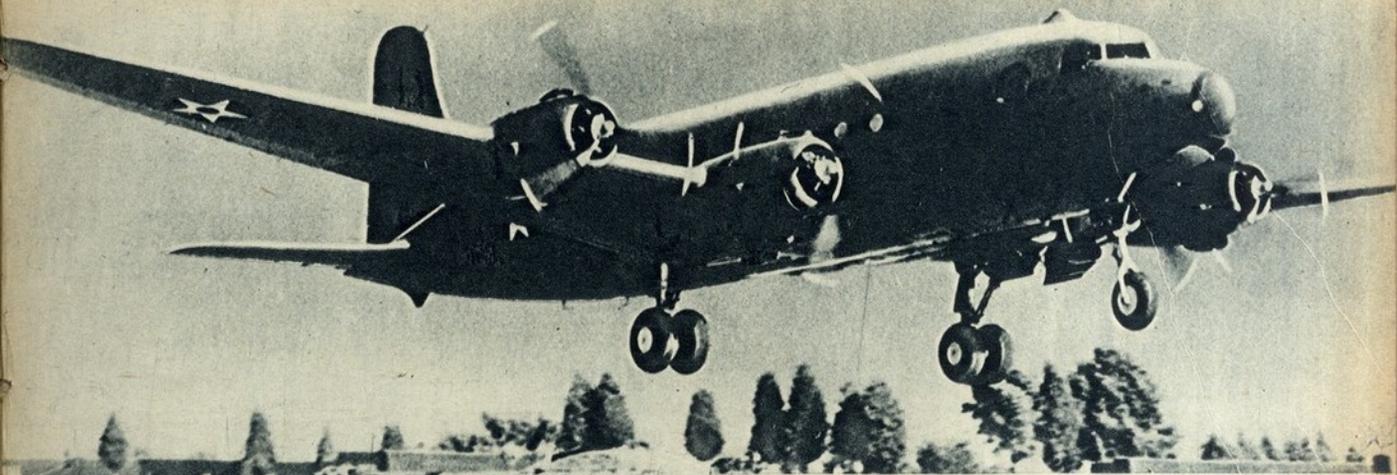
ACTUALIDADES



Wendell Wilkie, enviado especial do Presidente Roosevelt, que se encontra agora na Europa, quando da sua chegada ao Cairo

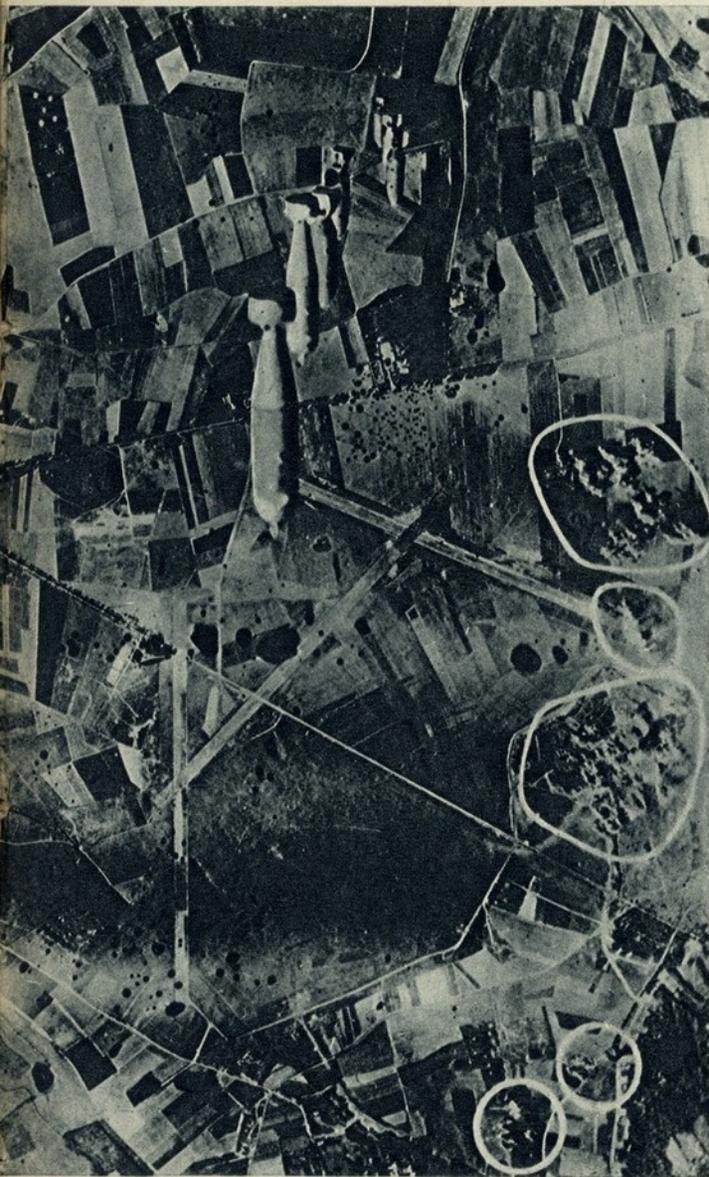


Em Leão, os patriotas franceses, entoando a "Marselhesa", celebram o dia da tomada da Bastilha



A aviação americana está na Europa. Em estreita colaboração com os Comandos de Bombardeiros e de caças da R. A. F., os gigantescos bombardeiros norte-americanos, em vagas cada vez mais poderosas, atacam os centros vitais da Alemanha e dos países ocupados. As famosas fortalezas voadoras, aparelhos estratosféricos que voam fora do alcance da artilharia anti-aérea e dispõem de poderosa defesa contra os caças, sobrevoam, sem baixas, o território inimigo, destruindo-lhe, com auxílio de visores de alta precisão, todos os objectivos previstos. Uma fortaleza voadora levanta vôo de um aeródromo da Gran Bretanha, para mais um raid vitorioso

FORTALEZAS VOADORAS



Um rosário de bombas de grande potência sai da fuselagem de uma fortaleza sobre um aeródromo alemão na França ocupada. Nas zonas limitadas a branco vêem-se as terríveis explosões destruindo as defesas anti-aérea e as instalações das bases inimigas



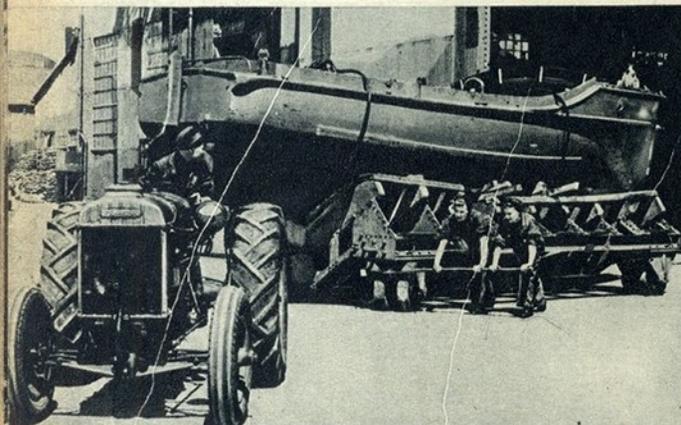
O melindroso trabalho da colocação de bombas nos alvéolos da fuselagem de uma fortaleza voadora. São dezenas de toneladas de explosivos que vão cair sobre o inimigo



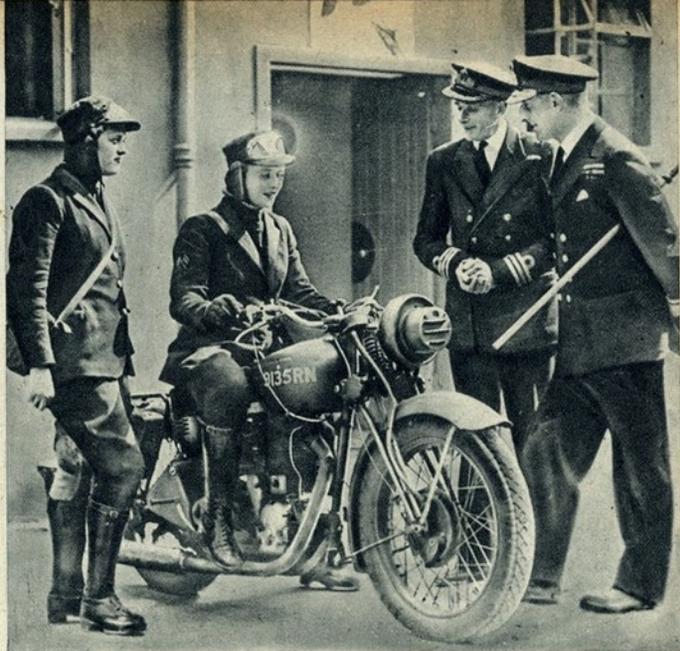
A mulher inglesa colabora no esforço da guerra da Gran-Bretanha com indescritível entusiasmo. Nas fábricas e nas oficinas, ou nos serviços auxiliares das forças armadas, ela contribue valorosamente para a vitória. Duas gentis operárias construindo um barco de borracha para a R. A. F.



Numa sala de transmissões do comando das forças navais. Cada número representa um ponto do oceano e a rota dos navios é marcada com precisão. Em cada dia sabe-se rigorosamente a posição de todos os barcos



As numerosas vedetas do Comando Costeiro saem dos hangares rebocadas por tractores, que raparigas da melhor sociedade londrina conduzem



Duas graciosas vedetas-motociclistas, do Serviço Naval, conversam com o Almirante C. S. Holland, que ali fez uma visita de inspecção



Miss Rachel Chamberlen, de Tiverton (Devon) e Miss Mary Lockwood, de Halifax (Yorkshire) trabalham no Serviço Auxiliar Territorial. O seu sorriso diz do seu optimismo



O excêntrico Armando Ferreira apresenta-se ao público. Tem o espírito de um Mark Twain e o humorismo de um Grocho Marx

O EXCENTRICO

PARA o excêntrico não há barreiras nem obstáculos... Em muitos casos, mesmo, não há até preconceitos. Isto o torna uma personagem à parte no palco rolante da comédia da vida. Enquanto todos os outros têm uma medida certa para os seus gestos, palavras infalíveis para as suas opiniões, modos e atitudes tradicionalistas para os seus actos, o excêntrico é ilimitado em tudo quanto faz. Julgam-no, por conseguinte, estapafúrdio e exagerado. No fundo, ele, porém, não é mais do que um homem que tem horror ao banal, ao conhecido, enfim, a tudo quanto tem sisudês e cabelos brancos em demasia...

Vejam o excêntrico que se debruça nesta página... A sua estatura não excede, evidentemente, a de qualquer homem vulgar. Aparentemente, não difere de qualquer outro homem. Mas, reparem bem... Esses olhares, êsses gestos, êssas expressões, êsse riso e todos os seus movimentos não se assemelham aos de nenhuma outra pessoa. A loucura que parece manifestar-se em tudo quanto faz não passa, afinal, de alegria desenfreada, que nos contagia de boa disposição. Não é postição, mas sincero. Não representa a vida para os outros, como o mundo

(Continua na pág. 28)



O chapéu foi «acidentado». Armando Ferreira está triste. Contava com êle para o enterro dum crêdor



E agora êle dança, dança e canta o tiro-litro e ninguém há que lhe resista. Lá estão os dois à esquina...



O piano não lhe serve apenas para tocar, mas para diabólicos exercícos de acrobacia sem que deixe de se ouvir a mais endiabrada das partituras



Agora não se sabe se êle está afinando o piano ou o ouvido. A posição é ultra-romântica ou, se quiserem, fantásticamente sóbre-realista



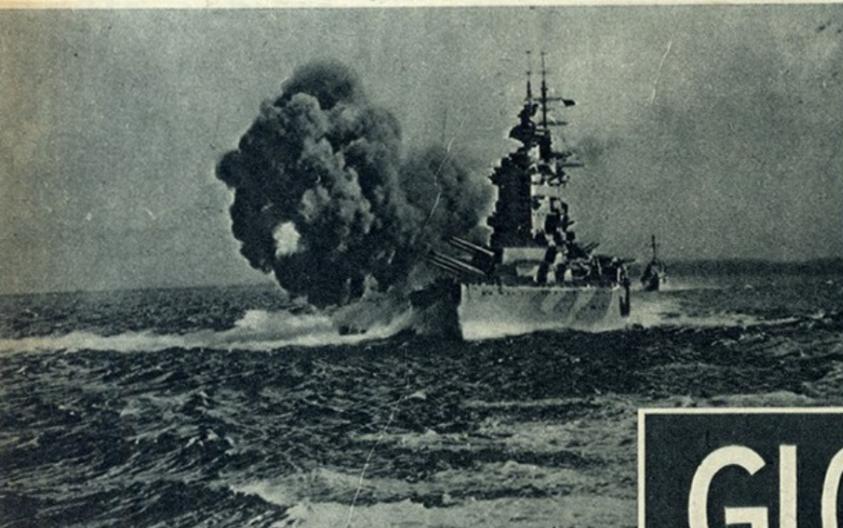
O "raid" a Dieppe ficará na história como uma brilhante operação preliminar da invasão do continente. A esquadra inglesa, com os seus potentes canhões, apoiando as tropas desembarcadas



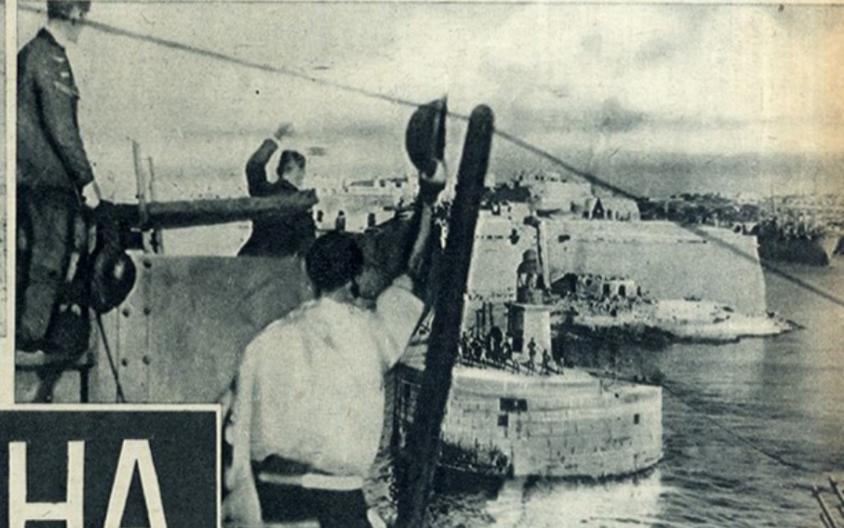
Foram estes os "comandos" canadianos que tomaram parte no assalto a Dieppe. O grande Churchill referiu-se a eles no seu discurso com palavras de brilhante elogio. Homens dos lagos, das florestas e das montanhas batem-se como leões e são invencíveis.



A Marinha de Guerra Inglesa passa sempre. O comboio para Malta, carregado de aviões, passou, assegurando à ilha heroica, onde tantas centenas de aparelhos do "eixo" têm sido destruídos, a sua defesa para longos meses



O "Nelson", com a sua magnífica artilharia, dispersa as unidades inimigas, que pretendiam interceptar o comboio que recentemente chegou a Malta



Vitória! O primeiro navio mercante do recente comboio que foi para Malta, chega à vista das velhas fortalezas da ilha, onde é saudado entusiasticamente pela população

GLORIA À GRAN-BRETANHA



Os pilotos da R. A. F. têm uma precisão maravilhosa. Estas duas bombas caíram directamente em Dieppe, sobre os postos da artilharia alemã



Esta massa negra, cortada de superfícies de água é a cidade de Dieppe, castigada nos centros vitais da defesa alemã pelo violento fogo da R. A. F. A fotografia é impressionante e vale mais do que todas as palavras



Alguns dos soldados nazis, capturados em Dieppe, desembarcam num porto da Gran-Bretanha, conduzidos por comandos canadianos



O Brasil está em guerra com os países do "eixo". A mobilização das forças armadas realizou-se no meio de indescritível entusiasmo popular. A guarnição de um telémetro de uma bateria anti-aérea

O GRANDE BRASIL



Em 7 de Setembro, o "Dia da Independência", realizou-se uma imponente parada militar a que assistiu o Presidente Getúlio Vargas. A passagem das forças motorizadas

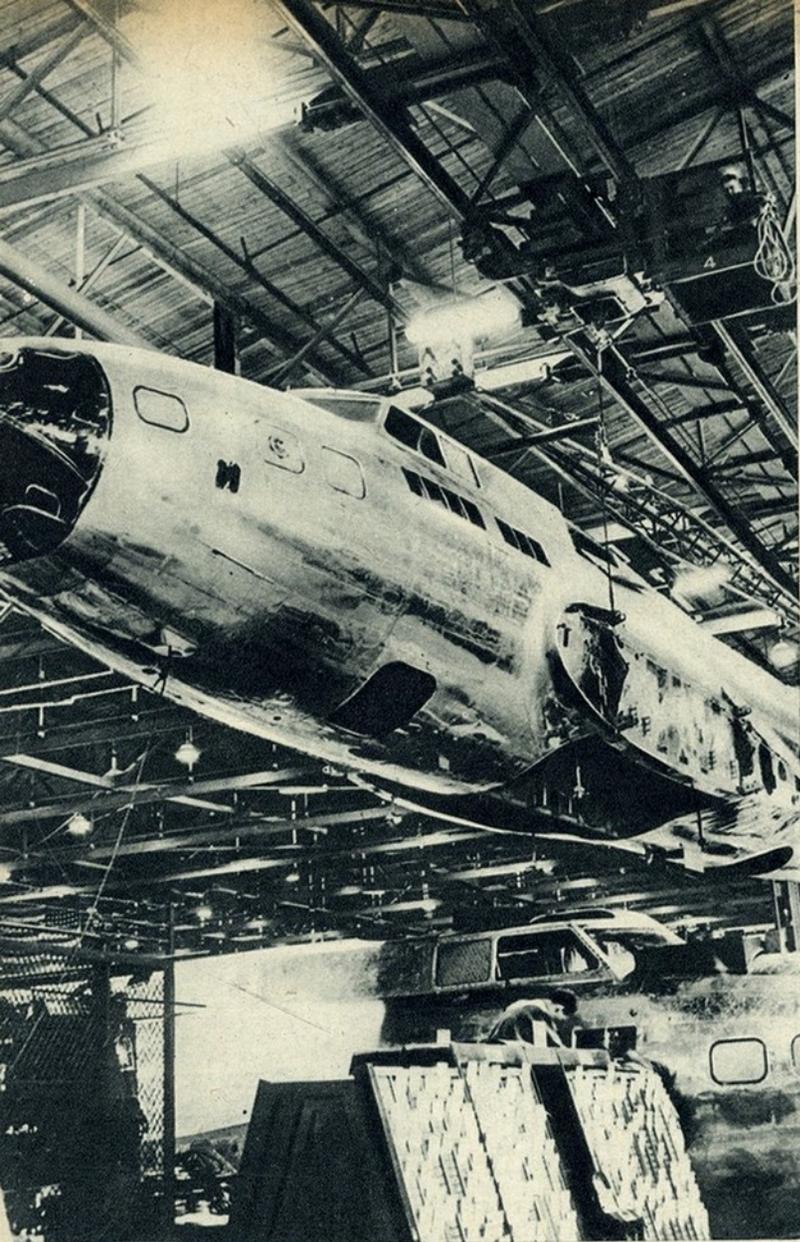


O Presidente Getúlio Vargas com o general Almerio de Moura, assistindo às grandiosas manobras que recentemente se realizaram em Paraíba



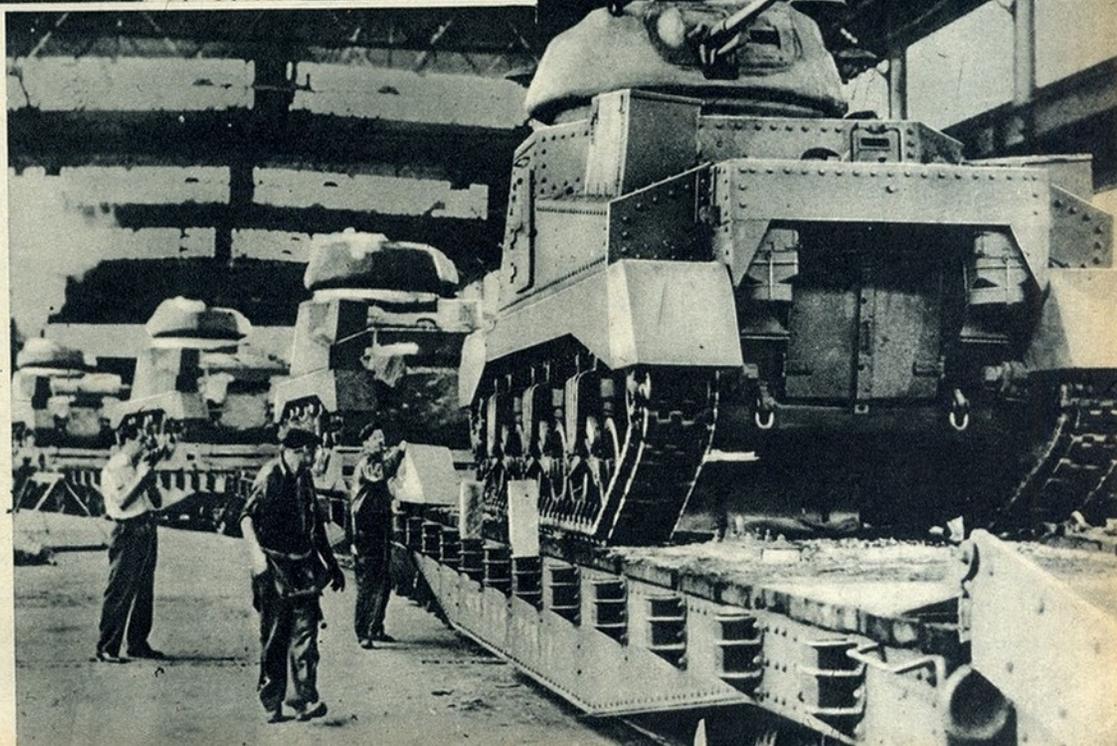
O Brasil tem hoje um Exército bem apetrechado e cujos soldados são conhecidos pelas suas nobres virtudes militares. Uma metralhadora anti-aérea

ISTO VENCERÁ



Junto aos mares, aos rios, aos grandes lagos e até no interior do país, os americanos estão construindo milhares de navios de guerra e mercantes

Roosevelt cumpre a sua promessa. Sessenta mil aviões de guerra estão saindo das fábricas americanas. No mês de Agosto, declarou Willkie recentemente, a produção foi de cinco mil. Isto significa que o número total foi atingido. Em cima, a fuselagem de uma gigantesca "fortaleza voadora". Quarenta e cinco mil tanks de grande tonelagem, outro número do plano da vitória elaborado pelo grande Presidente dos Estados Unidos. A direita, uma linha de montagem de uma grande fábrica norte-americana, cujos couraçados terrestres são, na verdade, de poder esmagador





Mar em fora. A água é azul, e no crepúsculo de outro, esta graciosa rapariga parece a figura de uma proa rostral

CRUZEIRO AZUL

UM doirado e lindo dia de sol, neste mês de Setembro, em que a gente moca consagra a maior parte da sua existência às seduções, tão numerosas e divergentes, da beira-mar, é uma tentação, um irresistível convite para um passeio náutico, no qual possam conjugar-se as sensações sádias e sempre novas e estranhas com as mais agradáveis comodidades e uma alegria esfuslante, tão ardente e sugestiva como a dos próprios raios do Sol.

Um belo «yacht», amplo, de bem traçadas linhas, de interiores cuidadosos a capricho, dando o máximo de conforto a quem nêle se acolha, é, para muita gente, uma ambicionada fantasia de sonho.

Mas há, no entanto, muito quem consiga deliciar-se com a satisfação plena de tão en-



A bordo, no yacht branco, tudo trabalha. Içando a vela, que o vento está de feição

cantadora forma de singrar nas águas do Tejo ou do Oceano.

O «Santa Maria», do sr. dr. Luís Lara, todo pintado de branco, com as suas velas igualmente muito brancas, singrando elegantemente pelo rio fora, em direcção à barra, e conduzindo um formosíssimo rancho de graciosas raparigas, chilreantes, felizes, contentes, estrondeando a sua comunicativa alegria num infundável gargalhar repleto de bom-humor e despreocupação, chega a parecer uma maravilha.

Gracis, desenvoltas, saltitantes, traquinas, vestidas de branco, parece quererem tirar a primazia à alvura das velas do navio.

Este quadro, que palidamente traçamos e, há dias, tivemos o praser de observar, constitui, sem dúvida alguma, uma verdadeira, se é que não vai até representar uma autêntica obra de magia, que deleita e produz encantamentos que nos transportam a regiões des-



A equipagem do «Santa Maria» tem uma surpresa: esta abordagem graciosa, cheia de alegria e mocidade



Um conhecido desportista náutico, que é o arrats honorário desta linda embarcação.

conhecidas, de onde, ao retirarmo-nos supomos despertar dum delicioso sonho, que bem desejaríamos se prolongasse por tempo indefinido.

Brincando, dansando, não há, naquele grupo de raparigas formosas—como só Portugal as tem—qualquer preocupação que exceda os limites do desejo de bem se divertirem, aproveitando, com veemência e entusiasmo, as horas de verdadeira felicidade que a juventude lhes concede.

E todas elas, com a sua formosura, a sua garrulice, a sua natural elegância e a alvinhenta brancura dos seus vestidos, que são pequenas e delicadíssimas velas a animarem as que pertencem ao «Santa Maria» conseguem, sem que tal o pensem, ou sequer possam adivinhar, oferecer aos olhos ávidos de quem as contempla um inimitável quadro de encanto.

S. Saboya



Fora da barra, é preciso arrear a vela grande, não vá o capricho do vento levá-la na sua fantasia

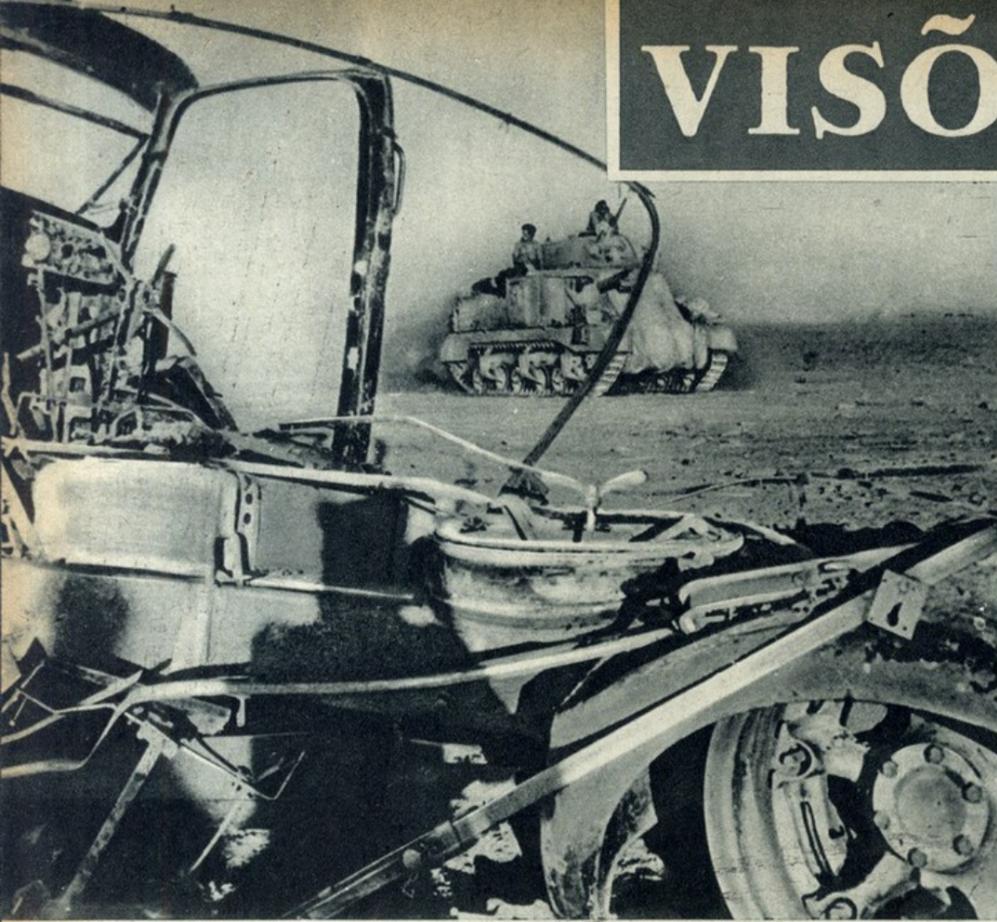


A «tripulação» no descanso da faina. O rio tutelar da velha Lisboa voltou a povoar-se de tágides



Acabou o cruzetro azul. A vida voltou a ter uma realidade terrena. «Lá está a nossa casa, não vês?»

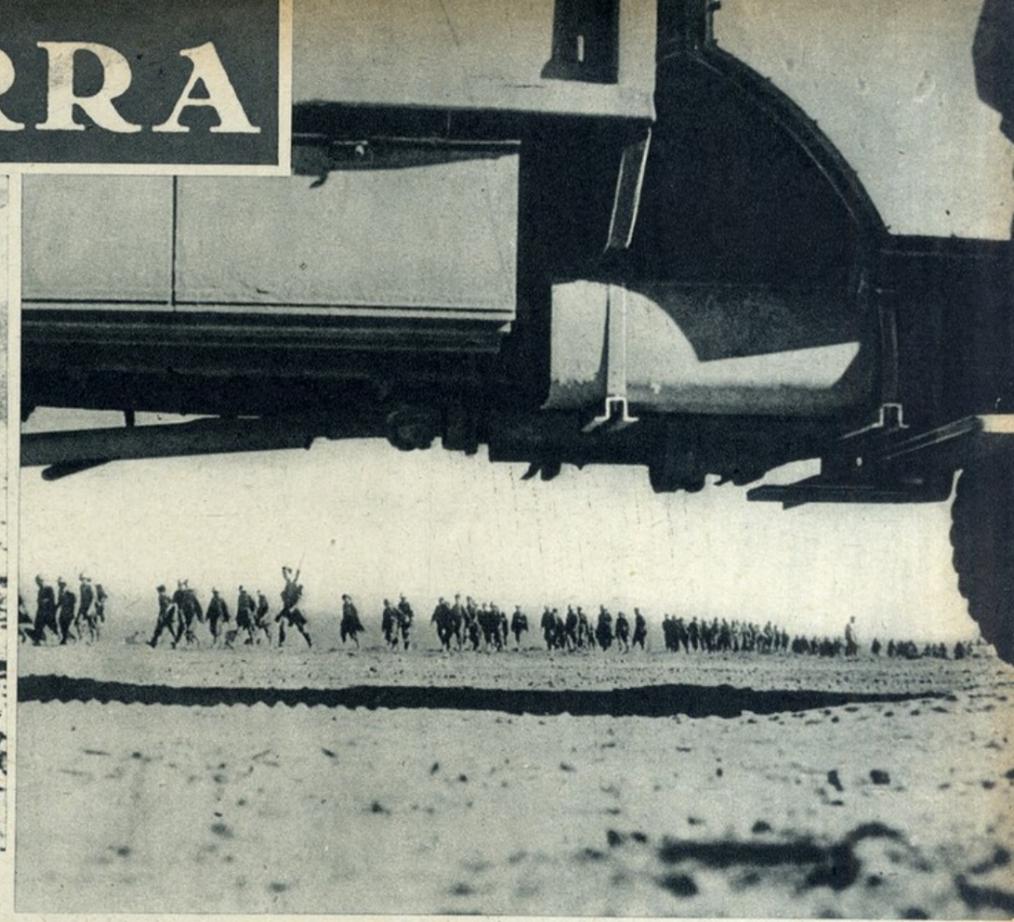
VISÕES DA GUERRA



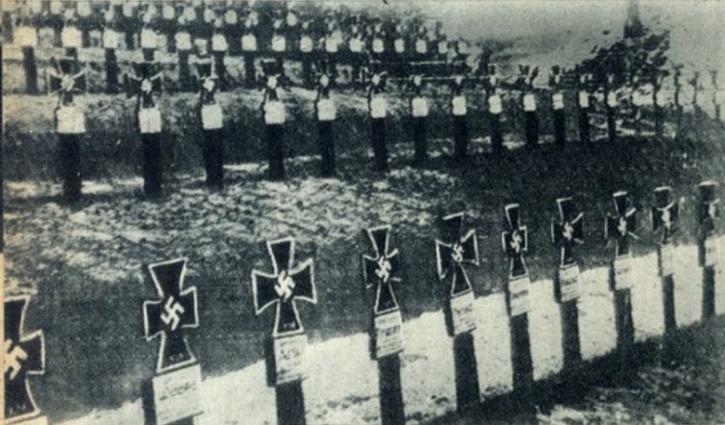
Pouco a pouco as divisões blindadas de Rommel vão sendo reduzidas a montões de destroços. No primeiro plano, um carro alemão destruído por um tank inglês



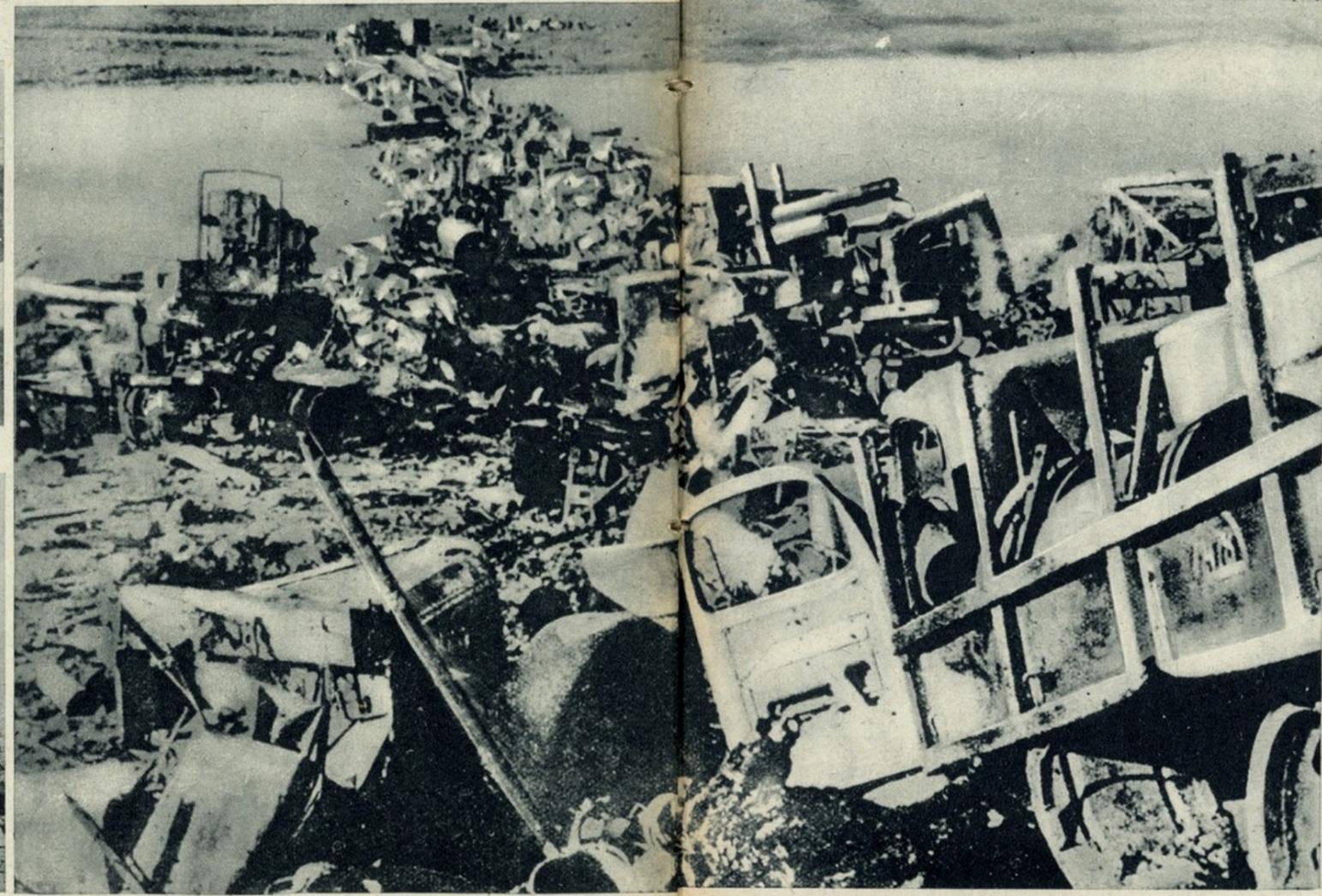
Na batalha do deserto usam-se destes poderosos engenhos. Uma barragem de minas mantém o inimigo a distância



E os prisioneiros do "eixo" sobre as areias escaldantes do deserto, em filas intermináveis, marcham para a rearguarda



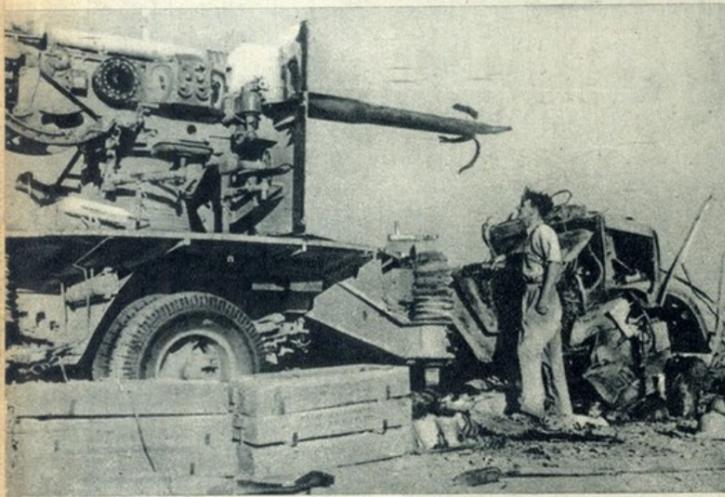
Neste cemitério, em "qualquer parte" na Europa, repousam mais de mil oficiais e soldados alemães



Este gigantesco montão de sucata, onde há veículos militares de toda a espécie, foi quanto custou aos alemães uma das batalhas em que se empenhou



Os repórteres fotográficos de guerra, colhem, por vezes, instantâneos como este



A guerra tem destas visões. Ao sul de El Alamein, um tank germânico M. K. III aniquilado pelo fogo certo de um "General Grant"



A batalha do material está ganha pelas nações unidas, enquanto os engenhos alemães são assim destruídos



Uma fonte poética a que não faltam flores



O velho Tejo, simbolicamente representado, na Avenida, deixa correr as suas águas generosas

de água, jorros triunfais, fontainhas humildes, bicas escondidas, ou chafarizes, que têm séculos de pedra gasta a des-sedentar bocas. A água tem a sua arquitectura, alada, imponderável, onde há formas que nenhum artista conseguiu ainda reproduzir, como as dos sonhos e as das estrelas... Motivo decorativo, éle opulenta de beleza a nossa cidade. E'

a luz que fica a correr, no silêncio nocturno das ruas e das praças.

Na sua chuva ondeante, os olhos como que brilham sequiosos.

A fonte, generosa de frescura, acalma a nossa sede, purifica a nossa alma, lustral e viva. Não se bebe, apenas a água, beija-se, até à embriaguez da volúpia imaculada.

A ALEGRIA DAS FONTES

Quem vive na cidade, entre muros alterosos de pedra, pisando o asfalto, e não a terra-mater, fica sempre quedo,

enlevado diante duma fonte. A água que ela espalha batida pelo sol é frescura e vida. Como que uma transfusão de energia no cansado plasma humano.

Na aldeia, a fonte na tradição e no sentimento do povo, é o local predilecto dos namorados. Os beijos e as trovas, trocam-se no murmúrio da água cristalina. E' junto dela, bem pertinho do seu suave murmúrio, que os corações se entendem — e sabe-se lá, no correr do tempo, quando as promessas se convertem em lágrimas, de que penas andará cheia l...

A poesia encontrou na fonte o seu mais belo tema inspirativo. Dir-se-ia que a água tem um bucolismo próprio, é poesia pura, que os ouvidos captam, em cristalinas rimas. Ora canta a alegria, maravilhosamente beja, ora ciciza brandas confidências de amor e de melancolia.

Lisboa tem fontes cheias de graça e tradição. São centenas, se não milhares — ligeiros fios



Fios de água e sorrisos de criança



Só a nereide de bronze, do largo do Rossio, não tem calor

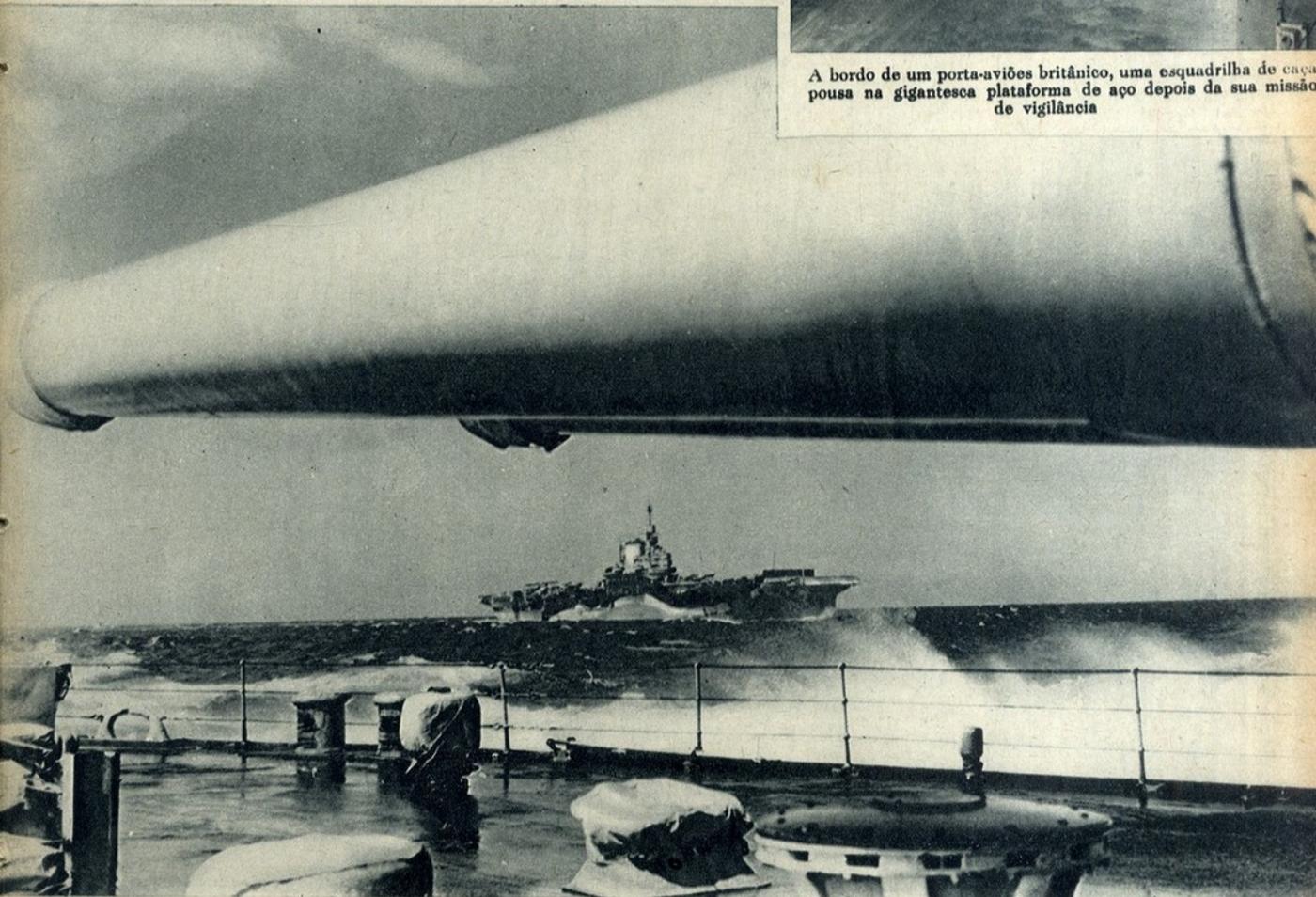
VITÓRIA NOS MARES



A marcha vitoriosa das navas inglesas em todos os oceanos do mundo. Mais um dos seus porta-aviões, saído recentemente dos estaleiros, que asseguram nesta guerra a sua fôrça e a sua grandeza



A bordo de um porta-aviões britânico, uma esquadilha de caça pouisa na gigantesca plataforma de aço depois da sua missão de vigilância



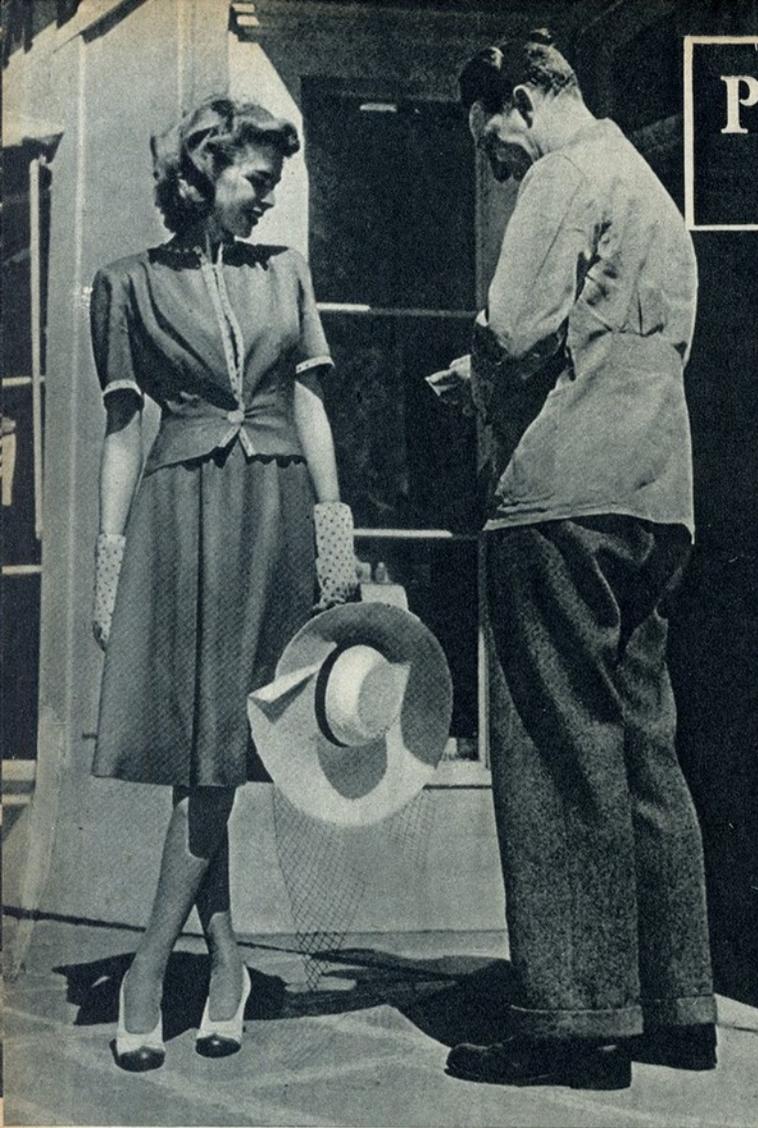
São estes canhões que dominam a Alemanha, submetida ao bloqueio económico, e asseguram a liberdade dos mares

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

DA FALTA SURGE O ENGENHO (DE NORTE A SUL)

- Já não há sêdas naturais?
Empregam-se as vegetais. E assim, ninguém tem um ar desdenhoso para a sêda que foi a trinta escudos...
- E' preciso inventar qualquer coisa nova para os chapêus?
Pois adapta-se, com molas, uma franginha (as répas, como se diz no Norte) que fica sôbre a testa ao pôr o chapêu.
- Não pegou a moda da saia-calção?
Mas agora que a bicicleta se vai impondo cada vez mais, como andar nela sem ser de saia-calça?
- O cabedal para calçado val rrearar?
Por isso já se fazem sapatos com a pele de todos os bichos possíveis e imagináveis: crocodillo, cobra, lagarto, búfalo, porco — e até de sapo, como lançou uma sapataria nortenha.
- Ir constantemente ao cabeleiro constitui grande despesa?
Por isso está em moda o carrapito (diz-se *puxo*, no Norte), o *chignon*, atravessados por pregos dourados, a fixar.
- As sacas em fazenda igual ao vestido não são bonitas?
E as de cabedal ou camurça atingem preços astronômicos?
- Substituem-se para a rua por sacas de rêde como as que vão à pesca do camarão e, para visita ou noite, pelas de malha de prata, que tanto se usaram e voltam agora.
- A pintura já não dá nada?
Van Dongen fez-se... modista de chapêus.



O primeiro vestido de outono

CURIOSIDADES

E' uma sorte não haver açúcar, sabe? Imagine o que nos disseram da América.

Uma senhora fazia ao marido uma vida de inferno, torturando-o com clúmes. A certa altura, para êle não endoldecer, internou-a a ela numa casa de saúde. Aí ficou sujeita a dieta láctea durante um mês. Pois acalmou de tal forma que até o próprio marido se espantou (não sei mesmo se um pouco desiludido...) Voltou para casa). Tornou a freqüentar as confeitarias. E a doença do ciúme voltou à primeira forma. Outro estágio na casa de saúde. E descoberta

médica: a origem do ciúme estava no abuso do doce.

Ela, hoje, não pode ver bombons nem toucinho do céu nem ovos moles e vive absolutamente tranqüilla.

Êle também: O que não impede de perguntar aos seus botões: — Gostará ela menos de mim?

.....

Isadora Duncan ficou entusiasmada com o teatro de Stanilasky. E, pouco depois, entusiasmou-se com o próprio autor que lhe dedicava uma adoração muda. E, como êle nunca dizia nada, ela, um dia lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o.

Quando julgava que ia ouvir frases delirantes de paixão, êle disse-lhe gravemente:

— Não pode ser, por causa da criança.

— Que criança? — perguntou ela estupefacta.

— O nosso filho. O filho que teríamos. Você anda a dançar pelo mundo todo e eu não consentiria nunca que êle fosse educado fora da minha autoridade paternal.

Com uma gargalhada, a Isadora Duncan ficou completamente curada do seu *béguin* pelo ultra-sleudo homem.

CASA QUEY

Hosiery Spécialits

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18



A elegância no trabalho

A batalha de Inglaterra foi o Marne desta guerra

(Continuação da página 9)

canes desenham curvas inclasificáveis, fantásticas, envolvendo o inimigo numa onda de metralha.

Dura uma hora o combate. A artilharia anti-aérea vomita torrentes de fogo. A barragem é intransponível.

A «Luftwaffe» retira, ferida de morte. Numa hora, perde oitenta e oito aparelhos. A tarde, porém, o ataque renova-se. Tenta-se o derradeiro golpe. Mais duzentos e cinquenta aviões germânicos aparecem à vista da costa inglesa. É a batalha prossegue, gigantesca. Os caças da R. A. F. enfrentam, com coragem e energia inigualáveis, os atacantes. Uma vez mais, a tentativa falha. Cinco horas depois, os alemães tinham perdido mais noventa e sete aparelhos. Cento e oitenta e cinco aviões num dia!

Foi este o dia decisivo da batalha aérea de Inglaterra. Nos condados de Kent e Sussex, há montanhas fumegantes de metais contorcidos. Depois, os dias sucedem-se mais calmos até que, em 31 de Outubro, a «Luftwaffe» abandona definitivamente os ataques aéreos diurnos à Gran-Bretanha. Tinha perdido, entre 8 de Agosto e essa data, 2.375 aparelhos dos que, de dia, se aventuraram sobre o solo britânico. A organização aeronáutica alemã ficou, desde então, sem

a soberania aérea da Europa, de que se dizia detentora.

Foi, pois, no dia 8 de Agosto de 1940 que a Alemanha desencadeou a ofensiva. De manhã, sessenta aparelhos inimigos atacavam dois comboios ingleses nas costas da Gran-Bretanha. Depois do meio dia, mais de cem aviões tentaram dispersar outro comboio ao largo da ilha de Wight. A's 16 e 15, ainda mais cento e trinta aparelhos sobre um outro comboio ao largo de Bournemouth. O assalto só foi renovado três dias depois e começou, assim, a batalha de Inglaterra.

Prudente, a principio, a «Luftwaffe» ataca nas costas. Tenta, em seguida, a zona industrial do sul da Inglaterra, mas, em 15 de Agosto — sete dias após o início da ofensiva — perde cento e oitenta aparelhos. Mais três dias e o total de aviões alemães abatidos sobe a 697. A situação começa a tornar-se insustentável para os atacantes e, das zonas industriais, as esquadilhas nazis lançam-se sobre os centros populacionais, visando particularmente a capital.

Tudo estava, porém, preparado para recebê-los. Goering empregou «Messersmitts» 110 e 109, de velocidade, respectivamente, de 365 e 350 milhas por hora; «Junker's» 88 e 87, 317 e 240 milhas por hora, respectivamente; «Dornier»

215 e 17, 312 e 310 milhas por hora; e «Heinkel» 111 K, 275 milhas por hora. E' o melhor de que a Alemanha dispõe. Mas o comando do Reich não conta com o valor da caça britânica que se revelou, então, superior a tudo quanto o inimigo poderia conceber: o «Spitfire», o «Hurricane» e o «Depliant», com velocidades, respectivamente, de 366, 335 e 300 milhas por hora. Não conta, sobretudo, com o extraordinário espírito combativo, a decisão, a coragem e a energia dos pilotos da R. A. F.

Churchill dissera então: «O nosso objectivo? E' a vitória a todo o custo, vitória a despeito de todo o terror, vitória por longa e árdua que seja a senda a trilhar».

Foi entre Agosto e Outubro, quando ainda se erguia a visão gigantesca da epopeia de Dunquerque, que as palavras do grande ministro inglês ti-

veram a projecção definitiva. Foi a batalha de Inglaterra — o Marne desta guerra — o primeiro passo — o passo decisivo — para a vitória.

Quando Goering, dirigindo-se ao povo alemão afirmava: «Adolfo Hitler confiou-me a missão de atacar o coração do Império britânico. Do ponto em que me encontro avisto as vagas de aviões que passam em direcção a Inglaterra», lá, no coração do Império britânico, as esquadilhas de caça da R. A. F. vibravam, na aviação germânica, o golpe mortal.

Dois anos passaram sobre estes acontecimentos decisivos. Tão decisivos que os factores se inverteram. E' sobre o Reich que cai, agora, todo o peso da formidável ofensiva aérea desencadeada pela Gran-Bretanha, numa onda esmagadora de metralha.

William Clark

A CAMPANHA DE LESTE

por CARLOS FERRÃO

OS exércitos do marechal von Bock actuaem numa extensa frente que tem a sua ala esquerda em Varonej, o centro empenhado no ataque a Estalinegrado, e a ala sul procurando realizar uma penetração no Caucaso, a um ritmo que vem diminuindo à medida que a ofensiva se aproxima do maciço montanhoso que atravessa aquela região no sentido leste oeste.

A acção retardadora que as tropas soviéticas empregam na defesa da grande cidade industrial de Estalinegrado procura realizar dois objectivos: acautelar um dos centros da produção, evitando que elle caia nas mãos do inimigo, e evitar que este monte uma ofensiva em grande escala, a qual, segundo todas as probabilidades viria a ser desencadeado no sector de Moscovo. E' dentro desta concepção da batalha que deve considerar-se o esforço recente dos russos em direcção a Viasma e a Rjev. Esse esforço teve uma finalidade idêntica aquela que Timocheenco procurou alcançar quando desencadeou o seu ataque em massa ao sector de Karkov.

O plano da manobra alemã realizza um conjunto e as aparências duma estratégia dispersa não devem criar illusões quanto à interdependência dos vários sectores porque a sua applicação se reparte. Isto quer dizer que a progressão da ofensiva no Caucaso não deve separar-se do que se passa em Varonej, e que a actividade alemã nestas regiões deve ser considerada em função do que se passa em Estalinegrado. Esta interdependência constituiu, simultaneamente, mérito principal e o principal inconveniente do plano em execução.

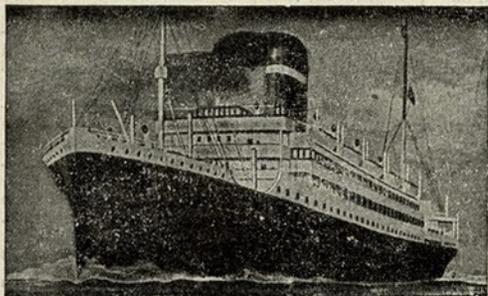
A tática desenvolvida do lado russo não oferece segredos: ganhar tempo e evitar perder substanciaes efectivos, cedendo terreno, sempre que isso se tornar inevitável. Assim a campanha da Rússia, em 1942, apparece com caracteristicas absolutamente diversas daquelas que se verificaram no ano passado.

O desgaste em homens e em material, foi enorme para os dois contendores. Compreende-se que ambos procurem evitar o seu agravamento, substituindo pela experiência as hecatombes que caracterisaram a primeira fase da campanha. Este cuidado, tornado necessário pelas circunstâncias, verifica-se ao mesmo tempo, do lado alemão e do lado russo.

Com a aproximação do inverno precisam-se as linhas gerais da luta em que eslavos e germanos se encontram, mais uma vez, envolvidos no decurso da história. O clima continua a ser, apesar das transformações registadas na arte da guerra, o factor essencial que condiciona as operações militares na Rússia, Com o clima as distâncias occupam o primeiro plano do quadro que a actual campanha nos oferece. A vontade e a decisão dos homens só em parte restrita consegue dominar esses elementos adversos. Quando o consegue é à custa de sacrificios que nem sempre encontram nos acontecimentos uma compensação sufficiente.

OS PAQUETES

da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPÁ PINTO"

PAQUETES	VAPORES DE CARGA
«Serpá Pinto» 8.267 T.	«Pungue» 6.290 T.
«Mouzinho» 8.374 »	«Malange» 5.050 »
«Colonial» 8.309 »	«Lobito» 4.206 »
«João Belo» 7.540 »	«Sena» 1.420 »
«Guiné» 3.200 »	

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

LOBOS

CONTO DE M. M.

A romaria acabara noite fechada. Ainda se ouvia, perdida, a estridência das gaitas de folas, que se afastavam.

João, no meio do largo, ainda atordado da vinhaça e das reviravoltas dos fandangos, viu uns homens fortes, que levavam às costas, sem um gemido de fadiga, os mastros altos onde durante o dia tremularam bandeirinhas de papel. O arraial estava acabado. Agora só para o ano, pela Senhora do Amparo. E ela? a Carlota?

Ora! havia de encontrá-la. Era do «povo de cima», coisa de quatro léguas bem puxadas. Que diacho: mais do que isso, andanças maiores já as fizera êle, «truca-truca» no encalço das codernizes. Sentia a cabeça pesada, uma ardência no rosto ao mesmo tempo que a garganta, sequinha de todo, lhe pedia meio quartilho, para acalmar as securas. Foi à venda do Zé-sineiro. Havia um rumor de vozes — mas a porta estava fechada. Bateu ligeiramente. Ninguém lhe respondeu. Tornou a bater, desta feita, com a bota. O Zé-sineiro veio abrir. «Eh! rapaz! fazia-te por outras bandas. E piscou-lhe o olho.

João fez-se vermelho — e, com a bôca no ouvido do taberneiro adregou de lhe perguntar: «cocou alguma cousa, ti Zé?»

E logo o outro de ventas chapadas de risota: que topara como todo o povo topara! Carlota é bom bocado! e na poupança está por all...

Uns homens discutiam, no meio da casa, saboreando uma garrafa. Falavam de lobos. No Louro, quasi em riba do cemitério, o Quincas pastor enxergara umas calças de homem tôdas esfarrapadas... As autoridades prantaram lá os pés mas não deram pelo crime.

«Pudera — dissera o outro — aquilo não é história de navalhas mas de dentes de lobos que andam esfaimados.

E então, a propósito de feras — foi um rôr de histórias.

Mas o ti Zé-sineiro, já cabeceava e a freguezia não passava daquela garrafa. Por isso, delicadamente, aos empurrões, como era seu uso, pô-lo na rua. «Vá gente; amanhã é dia de trabalho!» E o João também saiu. A noite estava fresca — mas escuríssima. Pôs-se a matutar. A Carlota não lhe saía da cachimônia. E se metesse pela ladeira abaixo e fosse bater-lhe à porta. Não! a rapariga havia de achar doudeira. Magicou mais um naco. A Carlota tornou a aparecer-lhe numa visão. Via os cabelos negros, ondulados, batidos da brisa, os olhos húmidos, contentes, a covinha do rosto quando sorria; depois era a sala vermelha de roda, no saltitante corridinho, espalhando às revoadas o perfume da alfazema, a chinela, esponjada, pequenina, que lhe dançava no pé — e aquele todo magano que o cegava até mais não... A Carlota fiava-lhe conversa. Dançara mesmo todo o dia com êle, sempre bem agarrada pela manópola cabeluda, dêle. João, o mais valente lenhador ali nas redondezas.

E não esteve mais pelos ajustes, de matraquear com a cachimônia a ver se arrancava conselho de tento. Meteu os botes ladeira abaixo. Umans nuvens inchadas corriam negrinhas de todo. No céu, nem uma estréla. João esticou o passo — aquilo era caminhada para duas horitas, se lhe desse sempre assim, embora o cavallo do senhor regedor negasse aquele tempo. Quando chegou ao cimo da encruzilhada, meteu pelo atalho de cemitério. Do outro lado eram fragas abruptas,



tas, com o ribeiro, onde há um mês, o filho da senhora professora lá se finara coitado, pegado no lôdo. Mas ainda não tinha dado três passos no atalho do «enguço» como o povo lhe chamava, quando sentiu à sua esquerda, cozidos com o tufo da verdura, dois olhos grandes e brilhantes que o seguiam, par a par. Um tremor nervoso percorreu-lhe o corpo. Num momento lembrou a conversa no tasco do Zé-sineiro, dos lobos que infestavam a serra. Com uma agilidade de felino trepou a um castanheiro. O lobo ainda lhe farejara os tornozelos. Lá de cima, João via o dorso e a cabeça da fera que uivava de desespero. Estava perdido, decerto. Se ao menos tivesse ali um pau, havia de lutar antes que ao clamoroso chamamento daquele, outros lobos viessem. A fera, sacudindo a cauda, empinava-se à árvore. João procurou nos bolsos a navalha. Era uma espanhola, de «ponta-e-mola», trazida pelo primo no contrabando da fronteira.

Então, quando viu os olhos acesos da fera mais perto do tronco do castanheiro onde se abrigara, João, decididamente, descarregou-lhe na cabeça, com impeto, a bota branca cardada que descalçara.

A fera, mais raivosa, empinava-se, novamente, nas patas trazeiras — e uivava, uivava, num eco que atravessava a serra. João poderia lutar com êste lobo; com três ou quatro, seria morto. Então, sem saber como, a visão da Carlota veio-lhe à balla, sorridente, alegre, ainda com uma cantiga nos lábios:

«quem quiser casar comigo
há-de lutar com a Morte»

E todos lhe respondiam que eram capazes de vencer a Morte, só para lhe roubarem o coração... Mediu bem a fera — e fechando os olhos, como se os fechasse à vida, formou um salto, deixando-se cair bem em cima, de navalha aberta. Homem e fera rolaram. João cravou-lhe, à toa, a navalha até o sangue espirrar. O lobo ficou estirado no meio da estrada — e João, com o fato esfarrapado e cheio de sangue correu com quanto ânimo teve e, já à porta de Carlota, caiu sem acôrdo. Clareava, quando o pai da rapariga, com a «amarela» pela corda a caminho do pasto, deu com aquele pobre de Cristo...

E meteu-o em casa, para nunca mais de lá sair.

LISBOA SUBTERRANEA

(Continuação da pagina 11)

mentos; dir-se-ia estarmos já identificados com os segrêdos topográficos do local. Continuamos a caminhar, a caminhar sempre, naquele ambiente deletério de sombras que se movem.

Um obreiro aconselha-nos:

— Encoste-se à parede... cuidado... no centro é «caleira»... é funda.

Aproximamo-nos de uma bifurcação, como que um entroncamento. Estamos por debaixo da Avenida 24 de Julho — informam-nos. Aqui a monotonia do curso retilíneo modifica-se um tanto. Umans como que fantásticas cavernas desenham-se imperfeitamente à luz frouxa das lanternas que os trabalhadores conduzem. A chama enfraquecida pela rarefacção do ar e pelas emanações das materias em decomposição, reflecte-se nos rostos revestidos de máscara, o que dá aos vultos o aspecto estranho de seres monstruosos, como produto de um desvaivamento vislumbrado por um louco.

Meditamos nas muitas frivolidades dos que vivem à luz do sol, e pensamos nos conceitos errados e nas glórias efêmeras daqueles que supõem que é sem grandeza e desprovida de sofrimentos, a vida dos que trabalham na obscuridade.

Portanto, eu te digo respeitável leitor, sem o sacrificio ignorado dos que vivem no subsolo da cidade, em permanente chafardar nas lamas pútridas, os teus filhos não gozariam saúde, nem seriam rosados, nem saudáveis, e tu não poderias falar das maravilhosas manifestações de progresso, que te dão o invejável bem estar material.

Encontramo-nos, agora, na Avenida da Liberdade, sob a zona dos cinemas.

Quantas risadas, confidências, emotividades, que não ouvimos, mas adivinhados, não irão lá por cima nas salas repletas de gozadores? Todos estarão vivendo a vida a seu modo: uns, rindo com as truanices do Bucha; outros, tomando a sério as paixões amoradas do Boyer.

Uma vaga claridade infiltra-se pela abertura superior por onde momentos depois sairíamos.

No passeio ao lado, a pincelada viva dos toldos, os risos e as tagarelices das mulheres, têm para nós, que surgiamos das trevas, indissel encantamento.

Cá fora, em pleno ar, uma força instintiva, brutesca, animal, desperta-nos a ânsia insofrida de liberdade e um desejo de amar a luz, as árvores, as águas.

Não acabamos de cometer acção sublime semelhante àquela que praticara o personagem de Hugo, atravessando os esgotos de Paris para salvar uma vida, mas vinhamos dos subterrâneos de Lisboa, onde havíamos tomado contacto com mais um aspecto negro e sofrido da vida.

Augusto Ricardo

O EXCÊNTRICO

(Continuação da pagina 15)

ordena e exige, mas como a sua personalidade melhor apece.

Chamar a um homem como êste profissional de circo, habitante do Coliseu, não seria justo nem estaria certo. Mais digno será, a nosso ver, etiquetá-lo de campeão da indiferença. Não lhe importa o que o mundo possa dizer ou pensar a seu respeito. Brinca consigo mesmo para brincar com a vida. E, à sua maneira, também é poeta. Por vezes, com um gesto, com um dos seus gestos que parecem ter quilômetros de extensão, finge agarrar a lua. Não o consegue, porém. E, então, só então, nos olhos do excêntrico passa uma nuvem de tristeza, que o harmoniza e assemelha a qualquer homem vulgar.

UMA VIAGEM TRIUNFAL

(Continuação da página 8)

wood, comandante da esquadra do Mediterrâneo; e, entre as individualidades políticas e diplomáticas, contam-se Sir Knielhan Cornwallis, ministro britânico na Síria e o Camve-loupoulos, representante da Grécia no Cairo. Pela categoria e funções destas personalidades é fácil avaliar a extensão e a importância das conversações que o sr. Churchill teve no Egípto.

O Primeiro Ministro da Gran-Bretanha visitou, várias vezes, durante a sua estada no Egípto, a frente de El Alamein, e esteve nas regiões de Suez onde conversou, demoradamente, com os oficiais que ali prestam serviço. Uma das suas visitas mais emocionantes foi a que fez ao seu antigo regimento, o 4 de Hussars, tendo sido aclamada coronel honorário desta histórica unidade do exército britânico.

O piloto do "Liberator", van der Kloot, que já trouxera dos Estados Unidos o embaixador britânico, Lord Halifax, e sua esposa, fez ao chegar a Londres uma declaração curiosa da viagem do Primeiro Ministro:

"O sr. Churchill, disse, mostrou-se, durante toda a viagem, excepcionalmente animado e bem disposto. Passou dois

terços da viagem junto de nós. Em geral, tomava conta de um dos comandos, enquanto eu ou o segundo piloto manobrávamos o outro. Tudo o que diz respeito à aviação o interessa vivamente..

E o capitão van de Kloot continuou:

"Posso assegurar que não é apenas uma honra viajar com ele; é também um prazer. A propósito de tudo tem a sua opinião pessoal e, mesmo quando se trata de problemas de ordem técnica que exigem especialização, essa opinião é sempre fundamentada.

Levamos e trouxemos o Primeiro Ministro, são e salvo e isso constitui para toda a tripulação do aparelho um legítimo motivo de orgulho! O sr. Churchill fez assim a sua quinta viagem ao estrangeiro desde que, em 10 de Maio de 1940, assumiu a direcção dos negócios públicos na Gran-Bretanha. Antes de abandonar o Egípto fez um pequeno discurso aos soldados que têm o encargo de acautelar a guarda do Suez dizendo-lhes: "Preparam-se grandes dias para todo o mundo. Cabe nos nessa preparação uma tarefa particularmente difícil. Estou certo de que a cumprireis.."

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

LOURENÇO MARQUES

Sairá no dia 30 de Setembro pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa
::: Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação :::

IMPORTANTE: A carga será recebida até às 20 horas do dia 26 e depois desta data até às 18 horas do dia 29 com o aumento de 20%.



Para esclarecimentos e mais informações:

SÉDE: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 (6 linhas)
LISBOA

SUCURSAL: R. Infante D. Henrique 73 r/c. — tel. 1 434
PORTO

Literatura Inglesa

Robert Burns



ROBERT BURNS tem, aliás, como todos os poetas que projectam o nome para além da sua época, uma história.

Burns, cujo pai foi um humilde aldeão, mereceu o epíteto de poeta-camponez.

O poeta popular começou a escrever as suas canções nos primeiros anos da mocidade, ao mesmo tempo que numa pequena herdade, em Mussgill, rasgava e fecundava a terra conduzindo o arado.

Por essa época, compôs ele os poemas mais sentidos, entre os quais se contam: «A visão», «Discursos ao Diabo», «Os dois cães», etc. A-par-do seu labor rude de aldeão, Burns comprazia-se em versejar dando assim ao espírito irreprimível tendência. Porém, asua fonte inspiradora tinha fundas raízes na sua alma amorosa de lírico.

Ao tempo, Burns enamorara-se de Maria Campbell, serva humilde do castelo de Montgomery, que morreu ao cabo de uns anos de ele a ter conhecido. Este facto deixa o poeta desolado entre tristezas e recordações de uma felicidade mabograda.

Se bem que sempre lhe merecesse respeito a memória de Maria Campbell, pois muitas das suas mais impressionantes poesias foram-lhe dedicadas, no seu coração já antes a fascinação de outra jovem — Joana Lamour — se havia instado.

Entretimentos, seu pai morre e deixa-o na maior miséria. A luta toma então para o poeta feição desesperada. A sua instrução é incompleta, rudimentar: começara a frequentar a escola aos dezaneve anos. Pensa em sair da sua pátria — partir para longinquas e desconhecidas paragens. Chega a arranjar contracto para ir trabalhar para umas plantações em Jamaica.

O destino, porém, não acorre em seu auxílio facilitando-lhe a aventureira viagem.

Tempos depois recebe a notícia de que um tomo dos seus poemas, editado em Edimburgo, lhe deixa o lucro líquido de vinte libras esterlinas. A convite de um seu amigo, o dr. Blacklock, parte para aquela cidade e ali publica a segunda edição dos poemas.

Mais feliz agora, recebe a soma de quinhentas libras. De futuro as suas produções são recebidas com unanimes aplausos.

Sem possibilidade de atingir um posto oficial superior, sem esperanças de uma justa compensação material, Burns sente a razão que não lhe permite ascender na escala burocrática: não ficaram por saldar, nem esquecidas as suas críticas acerbas ao clero ortodoxo, o seu entusiasmo pela Revolução francesa, que o tornou suspeito, e os seus brilhantes e contundentes artigos políticos.

Robert Burns não obstante ter sido um dos poetas que melhor traduziu o espírito e a frescura contidos nas canções dialectais populares, em cujos passos descritivos há o inimitável sabor bucólico dos contos da Escocia, foi principalmente, um poeta lírico.

Pela espontaneidade, delicada maneira lírica, elevação poética, alguns dos seus biógrafos consideram-no superior a Béranger, e outros atribuem-lhe a designação de Musset da Escócia.

Robert Burns morreu em Dumfries, em 1796, com 37 anos, deixando uma obra que honra a literatura inglesa.

A. R.

CINEMA

EM LONDRES REALIZA-SE "THE LADY FROM LISBON"

ELIZABETH e Leslie Hiscott, figuras de grande relevo do cinema inglês, encetaram, com destino à British National, os trabalhos de realização do seu terceiro filme e — um novo original, da autoria de Michael Barringer, intitulado «The Lady from Lisbon».

O filme é produzido nos estúdios Hammersmith e um dos cenários representa um grande hotel de Lisboa. O elenco é constituído pelos seguintes artistas: Francis Sullivan, Jane Carr, Maritta Hunt, Tony Holles, Leo de Pokormi, Gerald Kempinski, George Street, Wilfred Hyde-White, Ian Fleming, Charles Victor, Jacqueline Telaz, Ernst Sefton, Tony Arpino, Louis Matto, Joseph Terence, John Godfrey e Joseph Connor.

O filme tem dois números de música: — «A dama de Lisboa» e «A senhorita que veio da Argentina». O cargo de director de produção está confiado a Jack Cutts, que tem como assistente Tommy Tomson. O operador é Irwin Hillard e James Carter desempenha as funções de director artístico.

Uma parte da acção do filme «The Lady was Plans» desenrola-se em Lisboa

Entre as novas realizações da Paramount, que se anunciam para a futura temporada de inverno, figura um filme de espionagem — «The Lady was Plans» — cuja acção, em

parte, tem por cenário a capital do nosso País. No seu desempenho participam Paulette Goddard, Ray Milland e Margaret Hayes. Esta encarna o papel duma espiã que trás, nas costas, desenhados com tinta invisível, os planos dum tropedo que é accionado pela Rádio. No momento do seu desembarque em Lisboa, é aguardada por outros agentes, os quais, graças a um reagente químico, tornam os planos visíveis, que depois são fotografados. Margaret Hayes, porém, é perseguida por um reporter, Paulette Goddard, que tem de se servir de toda a sua argúcia para despistar aqueles que a pretendem tornar inofensiva... Mas os intentos, para a raptar, não dão resultado. Paulette aparece, em Lisboa, antes da espiã, o que dá origem, pela semelhança do seu tipo, a que seja tomada por aquela. A fim de descobrir o chefe da espionagem, a reporter, disposta a actuar como agente de contra-espionagem, pede a Ray Milland que lhe desenhe, nas costas, outros planos, diferentes. A ideia resulta e os espiões, perdida a partida, sofrem o castigo que merecem...

O "BARCO VIGIA"

Na Comunidade poveira estão perfeitamente estabelecidas as «leis» ou «preceitos» que regulam o amparo e auxi-



Friscla Lane e Veree Teasdale, numa imagem da enladrada comédia «A menina dos milhões»

lio que é devido ao companheiro doente, à viúva e ao órfão, e ainda o socorro que se deve prestar na barra ao barco em perigo.

Durante o tempo em que o companheiro está doente ou quando é obrigado a ficar em terra pela chamada às «Casas Grandes», ou ainda para baptizar ou casar um filho, o barco leva-lhe as rédes para o mar, como se ele as acompanhasse. Ganha na mesma. Se o companheiro falece, a viúva não fica ao desamparo: a companhia leva-lhe o «russão» (metade das rédes do marido).

O preceito, porém, mais formoso, aquele que tem dado ensejo às maiores heroicidades e tragédias é, sem dúvida, o que estabelece o «barco vigia», da barra.

Quando o mar parte na barra e é, no dizer do poveiro, um milhão de marezias, o primeiro barco que consegue transpô-la a salvamento é obrigado a ficar na enseada, do lado de dentro da barra, à espera que o outro, que está de fora, consiga fazer o mesmo para ficar em seu lugar, renovando-se assim até ao último entrar em salvamento.

Só pode vir abicar à praia, retirando-se daquele pósto de vigilância para o socorro, em caso de perigo, ao barco que tem de entrar, depois de o outro o substituir. Pode esta vigilância durar um dia inteiro que este «preceito» cumpre-se; e, em caso de deastre do barco que entra, milhares de olhos se fixam no barco vigi-



Charles Laughton, o genial actor inglês, na sua última criação: «Naufragos de Tahiti»

lante para lhe apreciarem o trabalho de socorro. Estas e outras tradições poveiras constituem o «fundo» de algumas das cenas mais belas do filme de Leitão de Barros, «Ala-Arriba!»

António Lourenço



Walt Disney e os seus colaboradores trocam impressões do novo filme de desenhos animados «The Reluctant Dragon», que entre nós será apresentado pela R. K. O. com o título «Parada das maravilhas»

HERMES
baby

**A MAQUINA DE ESCREVER
MAIS PORTÁTIL DO MUNDO!**

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição 46, L.º E. - Telefone 21672 - LISBOA
NORTE: ARAUJO & SOBRINHO, SUCRS., Largo S. Domingos 50 e FILLAL, Rua dos Clérigos 8, Telefones 235 e 2352 - PÓRTO



B. B. C.

A Voz de Londres fala
e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

11,45 noticiário . . . { 31,75 m. (9,450 kc/s)
24,92 m. (12,040 kc/s)

13,15 noticiário . . . { 13,86 m. (21,640 kc/s)
31,75 m. (9,450 kc/s)

13,30 actualidades . . { 24,92 m. (12,040 kc/s)

22,00 noticiário . . . { 30,96 m. (9,690 kc/s)
31,55 m. (9,510 kc/s)

22,00 noticiário . . . { 41,96 m. (7,150 kc/s)

22,00 noticiário . . . { 261,1 m. (11,490 kc/s)

22,00 noticiário . . . { 1,500 m. (200 kc/s)

22,15 actualidades . . { 31,55 m. (9,510 kc/s)

22,15 actualidades . . { 41,96 m. (7,150 kc/s)

22,15 actualidades . . { 261,1 m. (11,490 kc/s)

22,15 actualidades . . { 1,500 m. (200 kc/s)



MUNDO GRAFICO



Os marinheiros
americanos
numa visita
ao Zoo de Londres
festejam
um pinguim
animal que é
mascote
do seu navio